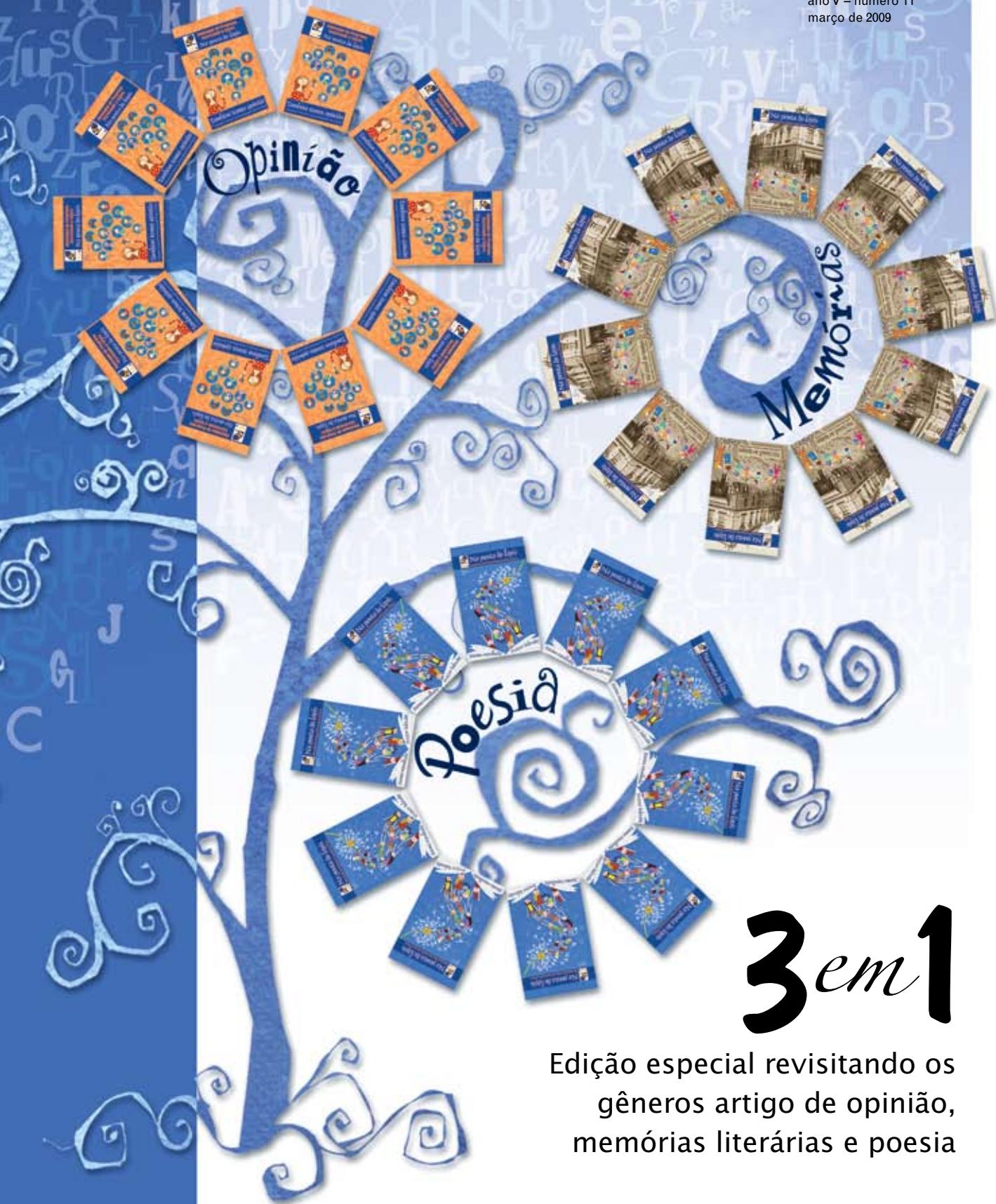


Na Ponta do Lápis

ano V – número 11
março de 2009



3 em 1

Edição especial revisitando os
gêneros artigo de opinião,
memórias literárias e poesia

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Centro de Estudos e Pesquisas em
Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação
Sonia Madi

Texto e edição
Luiz Henrique Gurgel
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Leitura crítica
Anna Helena Altenfelder
Marta Wolak Grosbaum

Revisão
Rosania Mazzuchelli
e Mineo Takatama

Edição de arte
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Editoração
AGWM Editora e Produções Editoriais

Fotos
Antonieta Rizzotti Oliveira
Edi Pereira

Tiragem
150 mil exemplares

Contato com a redação
Rua Dante Carraro, 68 – São Paulo – SP
CEP 05422-060
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendoofuturo.org.br

INICIATIVA



Ministério
da Educação



Editorial

Abrir janelas

O primeiro número da revista *Na Ponta do Lápis* foi lançado em maio de 2005. Era mais uma iniciativa da Fundação Itaú Social e do Cenpec para ampliar o contato com professoras e professores brasileiros que participavam do *Programa Escrevendo o Futuro*. Àquela altura, duas edições do programa já haviam sido realizadas – em 2002 e em 2004 – com 25 mil professores inscritos. A publicação vinha preencher uma lacuna destinada a manter a comunicação com os educadores, mesmo nos anos em que não havia premiação, apoiando-os nos desafios do dia a dia da sala de aula. Desde esse começo, *Na Ponta do Lápis* trouxe experiências de trabalhos, textos de estudantes e de importantes escritores brasileiros. Trouxe também reportagens e opiniões de especialistas que estão constantemente pensando em formas de ensino e de aprendizagem da língua com base nos gêneros textuais.

Os milhares de textos produzidos pelos estudantes nas salas de aulas e os relatos de práticas dos professores foram fundamentais nesses quatro anos para aperfeiçoar o Programa. A análise e a reflexão desses textos e dessas experiências balizaram as orientações metodológicas apresentadas na revista.

Natural, portanto, que, com o aumento exponencial do número de participantes – na casa de milhões de estudantes e de centenas de milhares de professores – e com o incremento da publicação, a tiragem fosse aumentando e hoje, quando o Programa tornou-se uma Olimpíada encampada pelo MEC, 150 mil educadores recebem nossa revista em suas residências e escolas.



Mas nem todos os que atualmente participam da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* tiveram acesso às informações, dicas, entrevistas e reportagens das primeiras edições da publicação. Até hoje recebemos pedidos de envio dos três primeiros números que estão esgotados (2005-2006). Professores nos escreveram dizendo que faziam cópias para distribuir entre os colegas. Esse fato nos encheu de alegria, demonstrando o sucesso da Olimpíada e a adesão dos educadores brasileiros. E é por isso que lançamos esta edição especial, com 56 páginas, reunindo as principais entrevistas e os principais textos das três primeiras edições. A revista ainda está dividida por gênero: na primeira parte temos o gênero artigo de opinião; na segunda, memórias literárias; e na terceira, poesia. Além de textos de estudantes vencedores em cada um dos

gêneros, há artigos e a opinião de especialistas com as entrevistas de Roxane Helena Rojo e Marisa Lajolo, ambas professoras do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, e de Ecléa Bosi, professora do Instituto de Psicologia da USP. A edição se completa com textos literários de Jorge Miguel Marinho, Bartolomeu Campos de Queirós e um texto atual de Ferreira Gullar.

Desse modo, como no verso de Mario Quintana “Quem faz um poema abre uma janela”, *Na Ponta do Lápis* pretende abrir muitas janelas em verso e prosa para o trabalho e a reflexão de professoras e professores de todo o Brasil. São esses educadores que abrirão, por sua vez, outras janelas para que nossos estudantes possam ver e construir o futuro.

Boa leitura!

Sumário

Opinião

Na Ponta do Lápis, ano 1, nº 1, maio/jun., 2005.



Entrevista



Memórias

Na Ponta do Lápis, ano 1, nº 2, ago./set., 2005.



Entrevista



Poesia

Na Ponta do Lápis, ano 2, nº 3, mar./abr., 2006.



Entrevista



De olho na prática



16

Texto vencedor



20

História de almanaque



21



Onde está o futuro

14



Tirando de letra

18

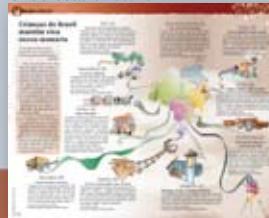


História de almanaque



39

Onde está o futuro



28

Texto vencedor



32

Especial



36



De olho na prática

30



Tirando de letra

34



Desafio

38

De olho na prática



48

Texto vencedor



52



Onde está o futuro

46



Tirando de letra

50



Desafio

53

Gêneros textuais na sala de aula: entre modas e realidades

José Luís Landeira

"Precisamos bolar uma aula diferente! Temos de usar o texto nas aulas!" Que professor de língua portuguesa nunca ouviu algo assim? Tais comentários costumam refletir o desejo sincero de trabalhar em uma escola que cumpra, de fato, o seu papel social.

Mas pensemos um pouco: "O que é uma aula *diferente*?" Ora, se um professor entrasse em aula fantasiado de bailarina, com certeza essa aula seria diferente. Mas teria qualidade? O que realmente desejamos quando propomos uma aula *diferente*?

Atualmente, muitos se voltam para os gêneros textuais. "Temos de trabalhar os gêneros!" tornou-se uma espécie de moda na escola. No entanto, sem conhecer bem o tema, trabalhar com gêneros pode trazer mais problemas que soluções. E, como toda moda, pode ser diferente, mas também passageira.

Promover uma aula baseada no conceito de *gênero textual* permite o desenvolvimento da identidade cidadã de nossos alunos, mas exige alguns importantes deslocamentos na tradição curricular: a língua portuguesa deixa de ser limitada por uma visão gramatical teórica e passa a ser considerada uma atividade humana, um meio, por excelência, de existir no mundo. Isso nos desafia a levar essa língua para a sala de aula o mais próximo possível de como ela é surpreendida em seu uso cotidiano.

Como fazer isso?

Todas as atividades humanas estão relacionadas com a utilização de linguagens e estas não são apenas feitas de palavras, mas de cores, formas, gestos etc. Para se tornarem "linguagem", tais elementos precisam obedecer a certas regras que lhes permitam entrar no jogo da comunicação. Uma delas é que toda manifestação da linguagem se dá por meio de textos, os quais surgem de acordo com as diferentes atividades humanas e podem ser agrupados em *gêneros textuais*.

E o que são gêneros textuais?

São modelos comunicativos que nos possibilitam gerar expectativas e previsões para compreender um texto e, assim, interagir com



o outro. Difícil? Nem tanto. Imagine a confusão se uma simples conta de luz viesse, a cada mês, escrita de modo diferente, sem seguir um padrão. Quando recebemos uma conta de luz, reconhecemos o modelo, sabemos para que serve, localizamos as informações mais importantes, deixamos de lado o que não nos interessa, ou seja, organizamos a nossa vida. Isso porque conta de luz é um gênero textual.

Conta de luz, telenovela, fofoca, aula são alguns exemplos de gêneros que, pelo seu constante uso social, não oferecem muitas dificuldades de compreensão. A mesma coisa não podemos dizer de outros menos frequentes em nosso cotidiano, mas também importantes, como crônica, memorial, reportagem, ensaio, editorial etc.

Os gêneros surgem de acordo com sua função na sociedade; seus conteúdos, seu estilo e sua forma estão sujeitos a essa função. Isso quer dizer que conhecer um gênero não é

apenas conhecer as suas características formais, mas, antes de tudo, entender a sua função e saber, desse modo, interagir adequadamente. Um enorme desafio: valorizar forma e função como uma única realidade interativa!

Pode ser relativamente simples ensinar as características formais de um gênero; por exemplo, uma carta sempre começa com um vocativo. Mas ensinar o uso social dessa carta, bem como a função e o valor desse vocativo, é muito mais desafiador.

Uma vez que os gêneros são produtos culturais construídos por determinada comunidade histórico-social, uma carta que não tenha vocativo, mas que comece com algo como “Que saudades de você!”, continuará sendo uma carta. Além disso, uma carta para minha mãe não terá a mesma forma nem, provavelmente, a mesma função daquelas dirigida a uma criança ou ao diretor da escola. Por esse motivo, ensinar uma lista de características

formais (o que já não é pouco!) não será suficiente para garantir que um aluno saiba escrever ou ler bem. Ensinar um gênero pressupõe um convívio anterior com esse gênero.

Assim, é importante pensar em para quem se escreve, por que se faz, qual a real necessidade de fazê-lo, o que o leitor efetivamente conhece sobre o tema, o que pensa dele, como fazer-se compreender, como usar a língua na produção desse texto, como o texto solicita uma ou outra estratégia de leitura. Tais questões, na escola, tornam necessário construir um currículo que valorize tanto a função social do texto como a sua forma.

Na prática, isso significa considerar a cultura na qual o gênero se constitui como ação social. Em outras palavras, devemos considerar até que ponto a comunidade que faz uso desse gênero efetivamente se apropriou dele e como o fez. Lembramos, contudo, que a comunidade que faz uso de determinado gênero é composta por indivíduos, entre os quais eu mesmo – professor ou aluno – devo me incluir.

Isso nos leva a novas questões: “Como explicar apropriadamente o que é um gênero se sua leitura e escrita não faz parte do meu cotidiano? Como escrever um ‘artigo de opinião’ se não tenho o hábito de pensar em quem lê o que escrevo? Como distinguir o registro de formalidade na escrita de um texto se não sei quando usar a norma-padrão? Como ler bem se não sei como agir diante de uma palavra que não comprehendo? Como escrever adequadamente se não sei em relação a quem ou a que devo me adequar?”. A lista de perguntas é tão grande (ou maior!) quanto o número de gêneros que existe.

Os gêneros são produtos da cultura de determinada sociedade. Constituídos por certos conteúdos, além de estilo e forma próprios, apresentam funções sociais específicas. Tornam-se, desse modo, modelos comunicativos que permitem a interação social. O trabalho com gêneros textuais na escola pressupõe um modo próprio de se relacionar com a linguagem e com o currículo da língua portuguesa. Significa cultivar uma atitude educacional alicerçada por sólido conhecimento da linguagem, vista como prática cotidiana, e muita vontade de fazer diferença, não apenas moda. Pode ser desafiador, mas vale a pena!

José Luís Landeira é professor de língua portuguesa, doutor em linguagem e educação (USP), autor de livros e artigos e assessor nas áreas de metodologia de ensino e de didática; e-mail: <jllandeira@uol.com.br>

Ensino de gêneros textuais na escola

Desde 2002, a equipe de *Escrevendo o Futuro* vem trabalhando para disseminar a proposta de ensino da língua portuguesa tendo como metodologia o uso dos gêneros textuais como instrumento e sequência didática.

Essa abordagem do ensino da língua leva em conta os diferentes domínios sociais de comunicação e as capacidades de linguagem envolvidos na produção e compreensão dos textos orais e escritos.

Para colaborar no planejamento do ensino da leitura, da escrita e da oralidade, ao longo do Ensino Básico, apresentamos ao lado um quadro-síntese dos gêneros textuais e seus respectivos agrupamentos proposto pelos pesquisadores da Universidade de Genebra, Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly (1996).

CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES

Refere-se à discussão de questões sociais controversas, exige sustentação, refutação e negociação nas tomadas de posição.

Voltado à construção e transmissão de saberes, exige apresentação textual para organização das ideias e dos conceitos.

Refere-se às instruções e prescrições de ações voltadas à regulação mútua de comportamento.

Voltado à cultura literária ficcional e à recriação da realidade, caracteriza-se pela intriga no campo do verossímil.

Refere-se à documentação e memorização de ações humanas que representam pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo e no espaço.

AGRUPAMENTOS



ARGUMENTAR

GÊNEROS TEXTUAIS

Editorial, carta de reclamação, artigo de opinião, ensaio argumentativo, debate regrado, resenha crítica...



EXPOR

Conferência, palestra, resumo de texto expositivo, seminário, verbete de enciclopédia, comunicação oral, relatório científico...



INSTRUIR

Receita, regulamento, regra de jogo, manual de instrução, regimento, mandamento...



NARRAR

Lenda, romance, fábula, novela, biografia, conto de aventura, conto de fada, crônica literária, adivinha, piada, ficção científica, biografia romanceada, epopeia...



RELATAR

Notícia, reportagem, anedota, caso, diário íntimo, testemunho, currículo relato histórico, de viagem e policial...

Escrever e

Registrar o que se pensa sobre determinado assunto, com o intuito de convencer o leitor, exige argumentos. É preciso defender, exemplificar, justificar ou desqualificar posições. Essa é a regra geral para um bom artigo de opinião, gênero que não existiria se não fosse o jornal.

Heloisa Amaral

Nenhum gênero textual nasce, como se diz, “sem pai nem mãe”. Todos têm suas origens marcadas por alguma área de atividade humana. No caso do gênero artigo de opinião, essa origem está nos jornais. O *Manual da redação* do jornal *Folha de S. Paulo*, um dos principais do país, afirma que “o jornal [...] é um



convencer para mudar

órgão formador de opinião. Sua força se mede pela capacidade de intervir no debate público e, apoiado em fatos e informações exatas e comprovadas, mudar convicções e hábitos".

Para entender a finalidade do artigo de opinião é preciso entender a função do jornal, que vive de noticiar fatos novos e importantes. As notícias, que são a razão de ser do jornal, ocupam grande parte dele e devem ser "verdadeiras", isto é, apoiadas em informações e fatos precisos, isentos de opinião. É claro que isso é muito relativo, porque ninguém consegue dizer alguma coisa sem denunciar, de alguma forma, o que pensa sobre o que diz...

Desse modo a opinião sobre os fatos noticiados aparece nos artigos escritos por pessoas respeitadas na sociedade, baseados nos debates criados pela leitura das notícias que circularam no jornal dos dias anteriores. Os

articulistas podem, com suas palavras, influenciar ou mesmo mudar convicções e hábitos dos leitores.

Para atingir sua finalidade, convencer os leitores da importância da opinião do articulista, os artigos de opinião são organizados como uma espécie de discussão entre pontos de vista diferentes sobre os fatos polêmicos que as notícias abordaram. Eles são planejados para que a opinião do autor pareça ser a mais correta, a mais importante, enquanto as opiniões contrárias a ela são desvalorizadas.

O jornal traz a notícia com fatos apoiados em informações comprovadas e artigos que procuram mudar a opinião, as convicções e os hábitos dos leitores.

Heloisa Amaral é mestre em educação, pesquisadora do Cenpec.



A professora doutora Roxane Helena Rojo, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, respondeu às questões levantadas por educadores da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. As discussões sobre o ensino de gêneros textuais na escola dominaram a conversa esclarecedora. Segundo Roxane, para esse trabalho dar certo é preciso...

“Trazer para a escola o repertório e os produtos da cultura local, que às vezes a gente discrimina...”

Luiz Henrique Gurgel

Como os professores têm recebido a proposta de ensino da língua portuguesa pela perspectiva de gêneros?

Em geral os professores têm sido receptivos, até mesmo aqueles que ainda não estão suficientemente formados para a execução da proposta. Por isso, o principal investimento deve ser a formação sistemática, a sedimentação de novas práticas de ensino. É esse trabalho de formiga que o Cenpec faz: oferecer materiais de apoio, discutir a prática, analisar resultados para aprimorar o trabalho em sala de aula. Não se trata apenas de ensinar o gênero, mas pensar “no que ensinar” por meio de gênero. Quer dizer, se tivermos clareza de quais capacidades ensinar e levarmos em conta a grade curricular em espiral, enxergaremos muitos gêneros trabalhando as mesmas capacidades. Eu não preciso explorar todas

as propriedades de artigo de opinião. Se o foco do meu trabalho é a capacidade de argumentação, posso propor tanto um debate sobre racionamento de água no município quanto uma discussão sobre a arbitragem de uma partida de futebol no final do campeonato; nas duas situações estou trabalhando a capacidade de linguagem para a cidadania. O aluno aprende a negociar, contra-argumentar e tomar posição.

O que significam essas mudanças para o ensino da língua portuguesa?

Não são mudanças locais. Fiz um estudo dos PCNs [Parâmetros Curriculares Nacionais] de doze países e a grande maioria tem como objeto de ensino o gênero. Os currículos são organizados privilegiando a língua em uso. Eles vêm atender à crescente exigência de

“É preciso conhecer a cultura em que a escola está inserida para pensar num projeto voltado para essa comunidade.”



letramento no mundo. Até a década de 1980 era possível focar um trabalho, digamos, com textos mais escolares e literários. Com as novas tecnologias e as mudanças no mundo do trabalho e das comunicações em geral, torna-se necessário uma variedade muito maior de conhecimento de gêneros que se tinha naquela década, pois já não bastam as noções de tipo de texto e gramática que tínhamos até então. Hoje é preciso ter conhecimento do gênero, formar os alunos para o uso da língua.

Diante de tamanha diversidade, que gêneros textuais ensinar?

É difícil determinar. Isso vai depender muito da cultura local. No mundo atual, por exemplo, o gênero digital vem ganhando cada vez mais espaço. Mas dar essa resposta sem considerar a realidade de cada canto do Brasil poderia condenar muitas comunidades a uma situação de exclusão. É preciso conhecer a cultura em que a escola está inserida para pensar num projeto voltado para essa comunidade. Isso inclui mapear os níveis de letramento dessa comunidade: as pessoas leem o quê? Utilizam a leitura para quê?

E como trazer para a escola o repertório e os produtos da cultura local?

Muitas vezes a escola está distante, não valoriza e até discrimina a realidade, a cultura do lugar. O trabalho fica aborrecido, provoca indisciplina, desistência, resistência. Os alunos, embora estejam dentro da mesma sala de aula, sentem-se literalmente excluídos. Uma maneira é abrir espaço para dialogar, levar em conta o ponto de vista do outro. Por exemplo: “Quais os interesses dessa comunidade? O que faz de melhor? Rap?”. Pode ser que você não aprecie o Rap, que não seja de sua geração, mas há letras que têm um apelo poético bem interessante. Assim, é possível aproximar os alunos de outras letras de

música, de outros poemas, da literatura e, dessa forma, ampliar seu repertório cultural. O repertório faz toda a diferença. Se o professor não lê jornais, revistas, livros de literatura com regularidade, isso dificulta o domínio dos gêneros que circulam nesses portadores. É essencial ser usuário frequente da leitura e da escrita, rever valores e conhecer as peculiaridades da cultura local.

Como trabalhar a situação de produção na escola sem torná-la artificial?

Em alguns casos os projetos ficam artificiais. Não o conteúdo, o discurso, o gênero, mas a situação de produção (o que escrevo, com que finalidade, para quem ler, para circular em que portador...). A tendência é abandonar a situação de produção e situar a atividade didática: “Vamos fazer de conta que nós estamos fazendo um jornal”. Se o professor não faz ideia de como funciona o jornal, a tendência dele é misturar a situação do funcionamento escolar com a situação original do gênero, que ele desconhece. Para garantir uma boa situação de produção é imprescindível entender o funcionamento da esfera de circulação da instituição que o produz, assegurando a condição original do gênero.

No final de cada *Caderno do Professor – Poetas da Escola, Se bem me lembro... e Pontos de Vista* – oferecemos alguns modelos (“Textos recomendados”), pois muitos professores não têm material à disposição...

Todos têm modelos. É importante trabalhar com vários textos para evidenciar o que é modelar. É interessante que o professor possa buscar modelos naquele gênero, identificar as marcas que se mantêm e as que se modificam. As variações vão depender do escritor, do contexto, do perfil do leitor. Dessa forma, a proposta de trabalho com gêneros textuais é modelar sem ser normativa nem prescritiva.



Dentro de mim mora uma casa

Jorge Miguel Marinho

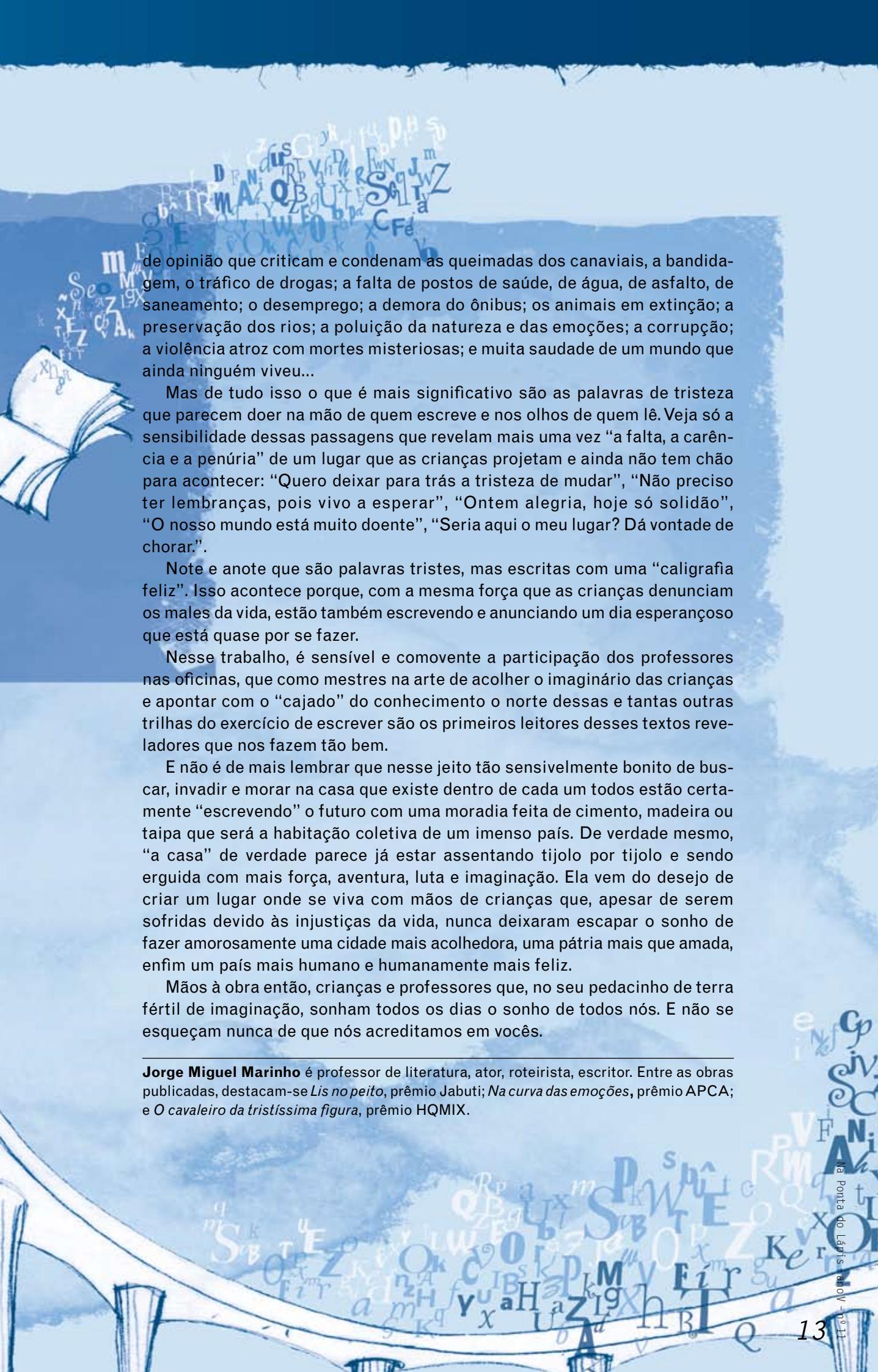
“João escreveu três palavras, colocou as três numa garrafa e jogou tudo no mar. Não se sentiu mais conhecido nem sentiu a vida melhor. Mas o sentimento de diminuir as distâncias ou aproximar as pessoas foi lá no fundo do seu coração. Acontece o seguinte: quando João escreveu as três palavras que um dia alguém achou na garrafa e não entendeu muito bem por que elas apenas diziam “Eu estou aqui”, ele procurou com todas as mãos e todas as letras de todos os tempos o primeiro “sentido de escrever”, que é partilhar com o mundo o que existe dentro de cada um.”

Escrever não nasce só da vontade de esmiuçar e conquistar as palavras e dizer do jeito que a gente é, que já é um caminho e tanto. Escrever nasce também daquele desejo mais fundo e profundo de “ser alguém neste mundo”, mostrando o que mora dentro de cada um. E vai daí que, como palavra puxa palavra, os escritores grandes e também os “escritores pequenos” vão criando um mundo onde todo mundo possa morar e viver.

Foi isso que aconteceu e mais um montão de coisas que só os “escrivaninhadores” sensíveis sabem fazer com as palavras que ficam bem espertas para descobrir o que é real. É, é isso mesmo! Pois fique sabendo você, leitor que gosta de ver a vida abrindo as suas portas com mãos de criança para um futuro melhor, que existe uma moçada, espalhada por esses quatro cantos do Brasil, que pega firme no papel e de preferência no lápis – que é bom de apagar – para rabiscar, escrever e inventar um novo país. Só para dar uma olhada nessas crianças bem de perto, basta ler os textos que foram selecionados no *Escrevendo o Futuro*, que teve como tema dessa vez “O lugar onde vivo”, e você vai ver como o resultado foi surpreendente.

Na maioria dos textos que são poemas, opiniões, lembranças e simples confissões, o lugar desejado para se viver não existe ainda na “terra onde se pisa”, a terra de verdade, mas é uma cidade sonhada que já fincou estacas no coração dessa galera de 4^a e 5^a séries das escolas públicas e também já mora dentro de cada um. Não dá para deixar de registrar aqui o “futuro” de algumas imagens colhidas assim ao acaso, porque elas estão presentes na voz de todas essas crianças maravilhosas e suas palavras voadoras. Olha só essas: “Eu me mudo como o vento que sopra pra lá e pra cá”; “Minha cidade vai ficar / melhor do que se imagina / feliz voltarei a brincar / na esquina da rua Bonina”; “Conheço muitos lugares e sei que outros estão a me esperar”.

Não é bom demais esse tom de alegria, melancolia e esperança voltado para “um horizonte” que já deve estar “esperando” por essa trupe entusiasmada e, é claro, também por nós? Pois é nessa trilha que aparecem os textos



de opinião que criticam e condenam as queimadas dos canaviais, a bandida-
gem, o tráfico de drogas; a falta de postos de saúde, de água, de asfalto, de
saneamento; o desemprego; a demora do ônibus; os animais em extinção; a
preservação dos rios; a poluição da natureza e das emoções; a corrupção;
a violência atroz com mortes misteriosas; e muita saudade de um mundo que
ainda ninguém viveu...

Mas de tudo isso o que é mais significativo são as palavras de tristeza
que parecem doer na mão de quem escreve e nos olhos de quem lê. Veja só a
sensibilidade dessas passagens que revelam mais uma vez “a falta, a carê-
ncia e a penúria” de um lugar que as crianças projetam e ainda não tem chão
para acontecer: “Quero deixar para trás a tristeza de mudar”, “Não preciso
ter lembranças, pois vivo a esperar”, “Ontem alegria, hoje só solidão”,
“O nosso mundo está muito doente”, “Seria aqui o meu lugar? Dá vontade de
chorar.”.

Note e anote que são palavras tristes, mas escritas com uma “caligrafia
feliz”. Isso acontece porque, com a mesma força que as crianças denunciam
os males da vida, estão também escrevendo e anunciando um dia esperançoso
que está quase por se fazer.

Nesse trabalho, é sensível e comovente a participação dos professores
nas oficinas, que como mestres na arte de acolher o imaginário das crianças
e apontar com o “cajado” do conhecimento o norte dessas e tantas outras
trilhas do exercício de escrever são os primeiros leitores desses textos reve-
ladores que nos fazem tão bem.

E não é de mais lembrar que nesse jeito tão sensivelmente bonito de bus-
car, invadir e morar na casa que existe dentro de cada um todos estão certa-
mente “escrevendo” o futuro com uma moradia feita de cimento, madeira ou
taipa que será a habitação coletiva de um imenso país. De verdade mesmo,
“a casa” de verdade parece já estar assentando tijolo por tijolo e sendo
erguida com mais força, aventura, luta e imaginação. Ela vem do desejo de
criar um lugar onde se viva com mãos de crianças que, apesar de serem
sofridas devido às injustiças da vida, nunca deixaram escapar o sonho de
fazer amorosamente uma cidade mais acolhedora, uma pátria mais que amada,
enfim um país mais humano e humanamente mais feliz.

Mãos à obra então, crianças e professores que, no seu pedacinho de terra
fértil de imaginação, sonham todos os dias o sonho de todos nós. E não se
esqueçam nunca de que nós acreditamos em vocês.

Jorge Miguel Marinho é professor de literatura, ator, roteirista, escritor. Entre as obras
publicadas, destacam-se *Lis no peito*, prêmio Jabuticaba; *Na curva das emoções*, prêmio APCA;
e *O cavaleiro da tristíssima figura*, prêmio HQMIX.

Do que falam as crianças do Brasil?

Parece conversa de adulto, mas os trechos dos artigos de opinião publicados nesta seção foram escritos por alunos de 4^a e 5^a séries de escolas públicas de todo o país.

São mais de 170 milhões de brasileiros vivendo em regiões com características próprias de clima, costumes e atividades socioeconômicas. Essa diversidade aparece nos problemas que afigem a população. E as crianças, não menos preocupadas que os adultos, também avaliam o dia a dia do local onde vivem.

Nas oficinas, os alunos aprenderam a olhar criticamente, tecer argumentos, sustentar pontos de vista, dialogar com diferentes ideias, incorporar a seu discurso a fala de pessoas da comunidade. Um verdadeiro exercício de cidadania.

Boa Vista – RR

Terra para todos

“Hoje nosso Estado passa por muitos problemas; um dos mais recentes é o da demarcação das terras indígenas, que ainda não foi resolvido.”

Juliana Maria da Silva Ramos

Brasileia – AC

Poluído e seco

“Na cidade de Brasileia existe um rio chamado Acre. Estou preocupada porque as águas deste rio estão poluídas e, cada dia que passa, ele seca mais.”

Adzinara Sousa do Nascimento



Goiânia – GO

Transporte para o além...

“A situação de transporte alternativo ficou bastante complicada, envolvendo polêmicas, indecisões, brigas e mortes. Sou contra o seu retorno, pois, além de tumultuar o trânsito, apresentou falta de segurança para passageiros e pedestres.”

Jenyffer Soares Estival Murça

Diamantino – MT

Pela salvação do Diamantino

“O rio Diamantino foi ao longo do tempo devastado pela mineração. Depois a mineração foi substituída pela agricultura. Mesmo assim o rio continua sofrendo, pois as pessoas jogam lixo no rio; além disso, o esgoto vai para suas águas sem nenhum tratamento.”

Fernando Muniz da Cruz

Sapucaia – RS

Experiência: posto de saúde no laboratório da escola

“A grande polêmica é o posto de saúde. É essencial termos um posto em nossa comunidade para atender a grande população. Mas o caso é que querem abrir o posto de saúde no laboratório de ciências da escola onde eu estudo. Como nós, alunos, ficaríamos?”

Lilia Rodrigues da Silva

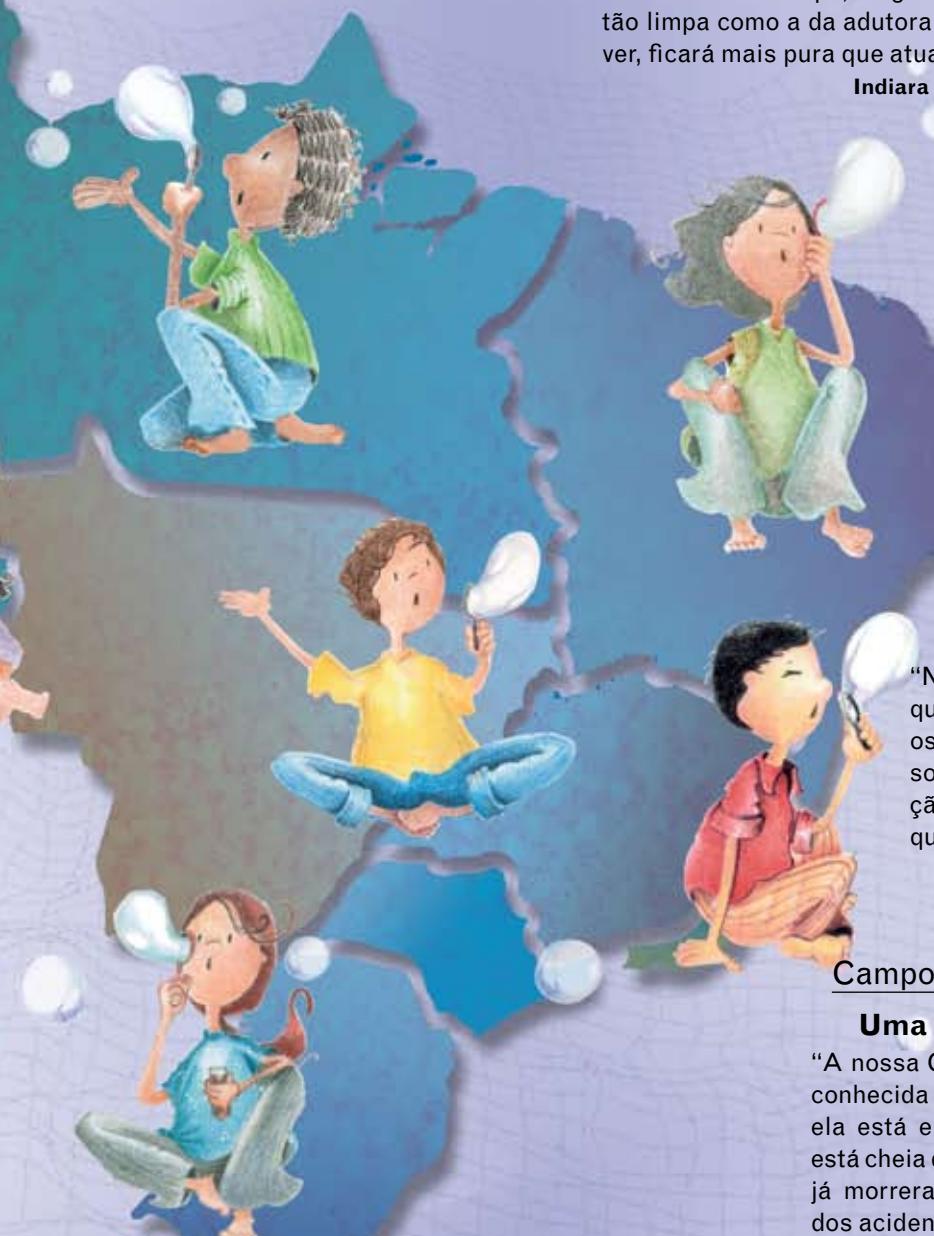


Paraopebas – PA

Os batatas de Paraopebas

“Muitos problemas estão sendo causados por eles, inclusive mortes misteriosas. Estou falando dos ‘batatas’, pessoas que compram cartões de bancos para roubar dinheiro de pessoas inocentes.”

Francisco Alex Santos de Andrade



Nova Londrina – PR

Emprego ou saúde?

“Uma destilaria de álcool é a responsável por centenas de empregos para a população e, também, por danos ambientais. É triste saber que a maioria da população defende a continuidade das queimadas, pois a mecanização do corte causará o desemprego. Sou contra as queimadas porque o município tem condições de criar novas fontes de trabalho, aproveitando essa mão de obra. De que vale ter emprego se não se tem saúde?”

Jaciara Jannyne Silva Santos

Caicó – RN

De que água beber?

“Aqui está ocorrendo uma discussão muito importante: se usamos a água do Itans ou da adutora. Sou a favor da água do Itans, e as pessoas que são contra não pensam que, com um certo tempo, a água do Itans ficará tão limpa como a da adutora e, quando chover, ficará mais pura que atualmente.”

Indiara Alves Fernandes

São João – PE

Canalizar para ninguém entrar pelo cano

“A população do povoado Volta do Rio enfrenta um problema seriíssimo, que é a falta de água. Precisam de uma nova rede de abastecimento com uma canalização adequada, pois a que temos é de péssima qualidade.”

Josiane de Almeida Silva

Campo Belo – MG

Desperdício de dinheiro?

“No ano passado teve uma reforma que melhorou, mas não resolveu todos os problemas da escola. Algumas pessoas não concordam com a construção de uma nova escola, pois acham que seria desperdício de dinheiro.”

Gabriela Aparecida Mendes

Campos dos Goytacazes – RJ

Uma rodovia pede socorro

“A nossa Campos é cortada pela rodovia conhecida como BR-101. Sabemos que ela está em situação muito grave, pois está cheia de buracos, sem calçamentos, e já morreram muitas pessoas por causa dos acidentes.”

Izabela de Souza Alves

Dois Córregos – SP

Avenida para secar café

“Um cafeicultor pediu espaço ao prefeito [para secar café na avenida]. Dizem que a medida atrapalhou o trânsito, que a população não foi avisada com antecedência e que essa atitude abre precedentes para outros produtores solicitarem o mesmo benefício.”

Angélica Larissa Ferreira

A escrita não é um dom: é algo que se ensina e se aprende

Por trás de um bom texto há um longo processo de trabalho. O primeiro passo é esclarecer aos alunos a situação de produção: quem escreve, com que intenção, para quem ler, e assim definir o gênero mais adequado para a escrita do texto.

No caso da produção de um artigo de opinião, não basta que o aluno apresente os problemas de sua cidade ou reclame da situação. É preciso que ele identifique e analise a questão polêmica que afeta a comuni-

dade. Definida a polêmica, o aluno expõe o seu ponto de vista – defendendo-o com argumentos convincentes para deixar clara a posição assumida –, busca informações e traz para o texto outras opiniões para sustentar sua argumentação. Artigo escrito, professor e aluno assumem o papel de leitores, verificando se o texto cumpre a função a que se propõe.

Leia o texto “Criança sofre” e responda o desafio na página ao lado.

Criança sofre

Régio Adriano Alves Freire

O mundo não é tão competente como deveria ser, pois desde pequeno eu e alguns colegas meus dívamos um duro danado nas cerâmicas da minha cidade.

O barro molhado exposto ao sol quente da região causava um grande mal-estar, mas assim mesmo tínhamos que sair cedinho e voltar ao meio-dia, só depois fámos à escola.

Isso tudo é uma grande injustiça comigo e com todas as crianças que trabalham, pois o cansaço maltrata a mente e não conseguimos aprender com facilidade, bloqueando assim muitas coisas que poderiam fluir diante das consequências que aparecem.

Criança tem que brincar, estudar e esperar chegar à fase adulta para trabalhar. Hoje existe o Programa Bolsa Escola, Peti e outros, que dão oportunidades de estudar sem trabalhar. Só que as famílias continuam vivendo miseravelmente e precisando da ajuda dos filhos para sobreviverem, pois mais importante do que esses programas do governo seria um emprego digno com salário justo para os pais dessas crianças, inclusive o meu.

Se isso acontecesse, ninguém vinha à escola sem caderno, sem lápis e sem o restante do material. Seríamos crianças de barriga cheia e cabeça também, não cheia de sonhos e fantasias, e sim vontade de estudar de verdade, de saber resolver todos os problemas que aparecessem, até mesmo os de matemática. Quando tudo isso acontecer, nunca mais direi que “criança sofre”.

Régio Adriano Alves Freire. Texto produzido em 2004 quando era aluno da 5^a série da Escola Francisco Nonato Freire, Alto Santo – CE.

É hora de verificar seus conhecimentos sobre o gênero artigo de opinião.
Assinale as respostas mais adequadas.

1. Num artigo de opinião, o autor...

- a)** Toma posição sobre uma questão polêmica.
- b)** Divulga um fato.
- c)** Relata experiências do cotidiano.
- d)** Enumera problemas da comunidade.

2. Para convencer o leitor de seu ponto de vista, o autor deve trazer para o texto a opinião dos adversários. Em “Criança sofre” há discussão entre opiniões contrárias?

- a)** Sim, no trecho “Criança tem que brincar, estudar e esperar chegar à fase adulta para trabalhar.”
- b)** Há, mas deve ser ampliada por meio de pesquisas, entrevistas, porque no texto foram apenas citadas “Hoje existe o Programa Bolsa Escola, Peti e outros, que dão oportunidades de estudar sem trabalhar”, sem trazer as opiniões dos que são a favor dos programas sociais do governo.
- c)** Há o testemunho, autoridade construída pela experiência vivida.
- d)** Sim, aparece quando o autor denuncia um sério problema e reforça essa posição com bons argumentos.

3. Que sugestão o professor deve fazer para ajudar o aluno a aprimorar o trecho abaixo?

“[...] pois o cansaço maltrata a mente e não conseguimos aprender com facilidade, bloqueando assim muitas coisas que poderiam fluir diante das consequências que aparecem”.

- a)** Use expressões para introduzir a conclusão como: “então”, “assim”, “portanto”.
- b)** Explique melhor para o leitor o que quis dizer no trecho sublinhado.
- c)** Reforce a posição do autor com novos argumentos.
- d)** Verifique se a pontuação está correta.

4. Ao escrever um artigo de opinião, o autor emite seu ponto de vista e...

- a)** Publica-o em jornais e revistas, mantendo neutralidade.
- b)** Desenvolve a capacidade de narrar os fatos.
- c)** Procura não influenciar o leitor com suas opiniões.
- d)** Incorpora a seu discurso a fala de outras pessoas que já se pronunciaram a respeito do tema, valorizando-a ou desqualificando-a.

5. No texto “Criança sofre”, o objeto de crítica do autor é:

- a)** A dificuldade de aprendizagem.
- b)** O clima árido da região.
- c)** A crise cultural.
- d)** O trabalho infantil e os projetos sociais do governo.

6. Identifique o trecho do texto “Criança sofre” que revela a questão polêmica, a denúncia do problema, o ponto de vista do autor.

- a)** “[...] vontade de estudar de verdade, de saber resolver todos os problemas que aparecessem, até mesmo os de matemática.”
- b)** “O barro molhado exposto ao sol quente da região causava um grande mal-estar.”
- c)** “O mundo não é tão competente como deveria ser, pois desde pequeno eu e alguns colegas meus díavamos um duro danado nas cerâmicas da minha cidade.”
- d)** “Só que as famílias continuam vivendo miseravelmente e precisando da ajuda dos filhos para sobreviverem, pois mais importante do que esses programas do governo seria um emprego digno com salário justo para os pais dessas crianças, inclusive o meu.”

O que se ensina e o que se aprende

Professora põe a mão na massa e conta, passo a passo, como ensinou seus alunos a escrever um artigo de opinião.

Myrian Rodrigues da Silva Munhoz

Ao conhecer o material, fiquei imediatamente motivada a levá-lo para a escola onde atuo como professora de sala de leitura. O tema “O lugar onde vivo” possibilitou aos alunos a reflexão e o questionamento de sua realidade, enquanto moradores de uma comunidade carente e violenta. Era a oportunidade de conhecer bem mais que o lugar: redescobrimos pessoas, interesses, desejos... Foi uma forma de crescemos juntos – professor e alunos –, discutindo questões pertinentes à vida na favela: o bom, o ruim, o estigma, o preconceito.

Iniciei o projeto com atividades de sensibilização a partir de imagens, músicas, poemas, frases, palavras. Os alunos fizeram as primeiras leituras do lugar. Era necessário que eles se identificassem com o local, se percebessem como membros da comunidade.

Propus a primeira produção escrita. Nela os alunos enumeravam, descreviam os problemas, sinalizavam vários aspectos negativos da favela, mas sem a preocupação de delinear as questões polêmicas. Por isso, planejei a discussão dos temas mais relevantes: violência, tráfico, discriminação, desemprego, fome. As situações eram debatidas; as opiniões, fundamentadas e fortalecidas, eram incorporadas aos textos produzidos pelos alunos durante as oficinas.

Para alicerçar a argumentação, li textos de diferentes gêneros e autores. Não foi difícil apresentar Chico Buarque às crianças. Conheciam de perto a mutuca, o papel, a contramão, o sinal fechado... (palavras presentes na letra da música *Pivete*). A leitura das imagens do

livro *Cenas de rua*, de Ângela Lago, reforçou a ideia de que “nem todo menor de rua é um pivete”. À medida que avançavam as discussões, a defesa da comunidade ficava mais evidente nas produções dos alunos.

Buscamos mais informações entrevistando dona Jaci, presidente da Associação de Moradores do Jardim Carioca – Complexo do Dendê. Com isso, os alunos descobriram que existem pessoas lutando para fazer da favela um lugar melhor para se viver.

Vencida boa parte das oficinas, chegou a hora da produção do texto final. O tema escolhido – “No morro não mora só bandido” – evidencia o preconceito que tanto angustia os moradores de comunidades carentes.

Finalizado o texto, iniciamos o processo de revisão e aprimoramento. Retomei as orientações do *Caderno do Professor – Pontos de Vista*, revisitando inclusive algumas oficinas. Acompanhei o grupo bem de perto. conversei com cada aluno: juntos relemos os textos, refizemos algumas argumentações. Tirei dúvidas, fiz intervenções e correções.

Por certo, o trabalho não terminava ali, estava apenas começando. Outros professores da escola também pretendem trabalhar com as oficinas, atividades da sequência didática do *Caderno do Professor*. De tudo, fica a crença de que escrever com qualidade é uma habilidade que se ensina e se aprende.

Myrian Rodrigues da Silva Munhoz. Em 2004 era professora da Escola Alice Tibiriçá, Rio de Janeiro – RJ.

Planejar o trabalho

- Ler atentamente as orientações do *Caderno do Professor – Pontos de Vista*.



Trazer o artigo de opinião para a sala de aula

- Identificar as questões polêmicas que incomodam a comunidade.
- Propor a primeira produção de texto para diagnóstico.
- Criar uma situação de produção imaginária, na qual o aluno ocupe o lugar do articulista.



Pesquisar a questão polêmica

- Fazer uma pesquisa de opinião com os moradores da comunidade sobre a questão polêmica escolhida.
- Incluir na produção escrita as opiniões colhidas na pesquisa.
- Buscar informações para sustentar a opinião.



Preparar a produção final

- Ensaiar a produção de um artigo de opinião.
- Aprimorar o texto.
- Orientar a produção da escrita final.

No morro não tem só bandido

Giselle Santos de Paula

Subindo a ladeira, ouvi uma frase de um grupo de jovens que desconhece o meu lugar, dizendo que "no morro só mora bandido". Isso não é verdade. Acredito. Isso é preconceito.

No lugar onde vivo, quase todo dia tem tiros que podem ser confundidos com barulho de fogos. O céu, à noite, fica iluminado pelas balas e traçantes que cruzam o morro. Parece uma festa junina, mas não é. Se fosse festa se chamaria "Festa da Desesperança"; são bandidos e policiais trocando tiros, esquecendo-se da comunidade assustada, que não tem nada a ver com essa guerra que tira vidas de pessoas inocentes.

Moro na Messina, no Jardim Carioca. Na verdade, não parece um jardim. O lugar é triste, doloroso e medonho; é como um beco sem saída e sem esperança. A comunidade só mora aqui porque não tem dinheiro para morar num lugar melhor.

Ser pobre não significa ser bandido não. As pessoas não têm culpa de serem pobres. A maioria tem bom caráter, sensibilidade; elas só querem ser alguém na vida e ter paz.

Sinto que todas as pessoas vivem tristes por causa da violência que mata e destrói famílias, que não têm nada a ver com o tráfico de drogas. Eu percebo o medo no rosto das pessoas quando há tiros, quando acordam ou vão dormir, e torço para que só escutem o barulho de pássaros cantando, pois quero ver a felicidade, a harmonia e o amor no meu lugar.

Favela não tem só bandido, não. Nem todo mundo conhece o lugar onde vivo. No morro tem pessoas saindo cedo de casa para trabalhar;

para buscar o pão de cada dia e dar o que comer aos filhos, que ficam com a esperança no coração, aguardando o pai voltar com vida e alimentos. Tem crianças que querem brincar, estudar, querem um futuro melhor, pois algumas trabalham cedo demais porque têm pais desempregados. Elas trabalham catando papelão, varrendo ruas, vendendo rosas nos bares, nos restaurantes e nos sinais, pois não querem ser marginais.

Na minha opinião, tem gente passando muita necessidade e a fome é tanta, que elas vão roubar e, sem pensar no que estão fazendo, se envolvem na bandidagem e no tráfico de drogas. Com isso, o lugar onde moro vai aparecendo na televisão e nos jornais.

A televisão não mostra o lado bom do morro: as brincadeiras das crianças, a amizade da comunidade, as pessoas que são boas e querem fazer a favela ficar bonita e um lugar bom de se viver.

Entendo que o aumento da violência acontece por causa do desemprego e da fome. Portanto, os governos e as prefeituras devem se preocupar mais com os pobres. Nós não somos bichos nem bandidos. Somos trabalhadores e cidadãos que precisam de emprego, um bom lugar para se viver com dignidade, mais escolas, hospitais.

Quando isso acontecer, aí, sim, eu vou morar num verdadeiro Jardim Carioca e vou deixar de ouvir a frase que tanto me deixa chateada...

Giselle Santos de Paula. Texto produzido em 2004 quando era aluna da 4^a série da Escola Alice Tibiriçá, Rio de Janeiro – RJ.

Contra sua vontade (Black e Rita)

Fabiana Aparecida Teixeira Alexandre

No Parque Zoológico Quinzinho de Barros de Sorocaba viviam dois chimpanzés, Black e Rita, que ficavam presos numa jaula fria e malcheirosa. Os chimpanzés eram revoltados, estressados, e se irritavam com o público, que muitas vezes achava graça em atormentá-los.

Começou a reforma do zoológico, que estava abandonado, e os chimpanzés foram transferidos para o Santuário Ecológico Conservacionista Velho Jatobá – GAP (Projeto dos Grandes Animais). Eles ficaram lá por três meses e se relacionaram muito bem com os outros primatas, principalmente Rita, que estava interagindo com as fêmeas.

A confusão começou quando o dr. Pedro Ynteriam, bioquímico, microbiologista, autoridade reconhecida internacionalmente no que se refere a primatologia e coordenador do projeto GAP no Brasil, descobriu que Black e Rita não queriam voltar mais para o zoológico.

O caso foi parar na Câmara Municipal de Sorocaba e uma vereadora enviou um requerimento ao senhor prefeito, solicitando atender ao pedido dos chimpanzés de ficarem no santuário, situado também em nossa cidade. A resposta veio com ironia: “Só em Sorocaba os chimpanzés pensam e escolhem onde desejam ficar...”.

O senhor prefeito deveria se informar melhor antes de falar, pois o chimpanzé conhece, sente, odeia, se afeiçoa, sofre igual a um humano – a única diferença é que ele não fala.

Mesmo o responsável pelo setor de tratamento dos animais do zoo declarou que os chimpanzés estarão em melhores condições no novo recinto: “Vamos resgatar uma dívida com eles e lhes oferecer condições mais dignas”.

Os primatas voltaram para o zoológico que foi reinaugurado, ficou uma beleza com jaulas com vidros e até tem um cupinzeiro artificial, que é o segundo do mundo, no recinto dos chimpanzés, que estão bem, mas sozinhos, tristes, vistos como bichos em extinção, presos. Na minha opinião, resgatar seria livrá-los da prisão, para que tivessem uma vida digna com respeito e junto com outros primatas. Eu penso que, se a população fosse mais bem informada e pudesse dar sua opinião, os chimpanzés voltariam para o santuário.

Essa reforma feita no zoológico deveria servir para reformar os conceitos mesquinhos e egoístas de muitas pessoas.

Fabiana Aparecida Teixeira Alexandre. Texto produzido em 2004 quando era aluna da 4ª série da Escola Municipal Sorocaba Leste, Sorocaba – SP.

Recordar para contar

Etimologicamente, “recordar” vem de “re” + “cordis” (coração), significando, literalmente, “trazer de novo ao coração algo que, devido à ação do tempo, tenha ficado esquecido em algum lugar da memória”. Podemos dizer que, em linhas gerais, é exatamente essa a função de um texto do gênero *memórias literárias*.

Ana Lima

Um texto de memórias objetiva resgatar um passado, com base nas lembranças de pessoas que, de fato, viveram esse tempo. Representa o resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são evocadas e repassadas para outra, dando assim continuidade ao fio da história, que é de ambas, porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence.

É esse resgate das lembranças de pessoas mais velhas passadas continuamente às gerações mais novas, por meio de palavras e gestos, que liga os moradores de um lugar. O fato de entender que a história de alguém mais velho é nossa própria história desperta um sentimento de pertencer a determinado lugar e época e ajuda na percepção de um passado que foi realmente vivido e não está morto nem enterrado.

Alguém que almeje escrever um texto de memórias literárias tem uma árdua tarefa pela frente: identificar pessoa(s) que possa(m) realmente contribuir para a elaboração do texto, com suas lembranças; realizar uma entrevista com essa(s) pessoa(s); selecionar e organizar as informações relevantes coletadas; e, finalmente, escrever o texto.

Não podemos esquecer que a entrevista é um gênero da modalidade oral, e, se foi gravada, certamente apresentará várias marcas dessa oralidade. O escritor de memórias deve estar ciente disso e seu trabalho será transformar

aquele texto oral em escrito. Além disso, precisa atender a algumas características específicas desse gênero. O escritor, por exemplo, deve assumir a voz da pessoa entrevistada, ou seja, o texto deve ser em primeira pessoa. Não se trata de um simples reconto do que ouviu na entrevista, e sim de uma reinterpretação, que deve resultar em um texto de natureza literária, narrativo em sua maior parte. Em nenhum momento se pode perder de vista que há um leitor curioso para conhecer o passado, de modo que o texto deve ser escrito com criatividade, de tal maneira que esse leitor sinta-se envolvido por ele.

Alguns elementos normalmente presentes nos textos de memórias literárias são as comparações entre passado e presente, a presença de palavras

e expressões que transportam o leitor para uma certa época do passado (“antigamente”, “naquele tempo” etc.), referência a objetos, lugares e modos de vida do passado, descrições de lugares ou pessoas e explicação do sentido de certas expressões antigas ou de palavras em desuso.

Enfim, cabe ao escritor posicionar-se como um pesquisador que busca recuperar a memória coletiva de sua cidade e, por meio do seu texto, possibilitar que os leitores “tragam para o coração” um passado que, mesmo não tendo sido vivido por eles, foi decisivo para que sejam o que são atualmente.

Ana Lima é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.



“Uma experiência humanizadora”

Assim a professora Ecléa Bosi, do Instituto de Psicologia da USP, define as atividades de crianças com histórias e memórias de idosos. Ela é autora, entre outros, de *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, um dos mais importantes trabalhos sobre o gênero, incluído pelo Ministério da Educação entre as cem obras sobre o Brasil que devem compor as bibliotecas escolares públicas. Desde menina sempre gostou de ler e escutar histórias. Traduziu autores como Leopardi, Ungaretti, García Lorca e Rosalia de Castro. Ela chama a atenção para o compromisso que se assume com alguém quando escutamos e registramos sua história de vida: “O escutador torna-se responsável eticamente pela narrativa e pelo narrador, não pode abandoná-lo”.

Luiz Henrique Gurgel

Como foi seu envolvimento com a pesquisa de memória?

Quando eu era criança havia uma invasão menor da mídia dentro das casas, pouca televisão. A grande distração da criança, além das brincadeiras de rua, era escutar histórias dos pais e avós. Caminhávamos muito em São Paulo. Eu morava perto da rua Oscar Freire e estudava nos Campos Elíseos, ia e voltava a pé. Nessas caminhadas, meus companheiros pediam que eu contasse histórias, para abreviar o tempo. Quando escrevi *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, uma tese defendida em 1978, começou em toda parte uma onda de pesquisas sobre memória. Penso que a inspiração para esse trabalho, tanto para mim quanto para os outros pesquisadores, veio da necessidade de um encontro com o passado mais próximo de nosso tempo.

Como pensar a história com base na memória de velhos?

A memória de velhos é diferente da história oficial. Os depoimentos são cheios de lacunas, diferentes da história que se lê nos livros. Você ouve um depoimento de alguém que assistiu a um desastre e a narrativa dessa testemunha traz susto, emoção. Ainda que não seja perfeitamente objetiva, há alguma coisa profundamente verdadeira: a emoção que o desastre desencadeou e que atravessa a narrativa. Em 1910, o cometa Halley atravessou o céu de São Paulo. Entrevistei pessoas da época e ouvi maneiras diferentes de falar da passagem do cometa. Qual a verdadeira?

Não nos cabe dizer. Uma das entrevistadas, a dona Risoleta, me disse: “Ah! O cometa Halley! Eu vi, sim, foi no dia em que o papa morreu e a terra tremeu”. Sabe-se que nem o papa tinha morrido nem a terra tremido. Acontece que nenhuma outra narrativa mostra a emoção que se sentiu, pessoas se atiraram do viaduto achando que era o fim do mundo, houve uma convulsão social tão grande em São Paulo, que só essa narrativa ingênuia de uma pessoa iletrada, embora sábia como dona Risoleta, pudesse dar ideia do que tenha sido.

Qual a função social da memória? De que forma o trabalho com a memória pode colaborar para o enfrentamento dos problemas atuais?

Depoimentos que você colhe não devem ser simplesmente arquivados. Todo depoimento existe para transformar a cidade em que ele floresceu. Escutar uma narrativa desencadeia em você, ouvinte, compromisso com o narrador, com a própria cidade em que a narrativa floresceu. Você é responsável. Por exemplo, eu entrevistei pessoas muito idosas e sensíveis às transformações urbanas. Isso desencadeia um compromisso com o plano diretor da cidade. Em uma pesquisa que fiz verifiquei que a maioria dos idosos acidentados na seção de ortopedia do Hospital das Clínicas de São Paulo não era caso de médico, mas de advogado, por causa das calçadas da cidade, das casas populares malconstruídas...

Todas as entrevistas e depoimentos são aproveitados? Que critérios são utilizados para selecionar os melhores depoimentos?

Não, nem todos são aproveitados. Ou por falhas técnicas ou acidentes biográficos do idoso, que não pode continuar. Não existe uma narrativa que seja completa. Em certo momento o ouvinte para e o narrador para, mas a história continua tanto na cabeça do ouvinte como na cabeça do narrador. A história se completa em nós mesmos. Para você registrar uma história de vida seria preciso um escutador infinito. Todos os depoimentos são bons e merecem o mesmo respeito. Eles não são motivos de nostalgia, mas de luta para quem merece escutá-los.

Que sugestões e conselhos a senhora daria aos professores que estão trabalhando o gênero “memórias”?

Essa pergunta me foi feita tantas e tantas vezes, que escrevi um capítulo sobre isso no livro *O tempo vivo da memória*. O estudioso da memória deve ser uma pessoa preparada; não basta que conheça metodologia de pesquisa. Ele precisa compreender o depoimento como um trabalho do idoso, ele não pode registrar sem que o idoso tenha conhecimento da narrativa. Por mais simples que seja, o idoso tem o direito de reler aquilo que falou e ver se está de acordo. É uma questão ética. Entre todos os conselhos de método que dou, o mais importante é a responsabilidade pelo outro. Para a pessoa idosa, o depoimento sobre a sua vida é um ato de amizade. O escutador tem que responder a esse ato de amizade com outro ato de amizade. Ele se torna responsável eticamente pela narrativa; é um pesquisador diferente dos outros porque também se torna responsável pelo narrador e não pode abandoná-lo, tem de visitá-lo. Recebemos do entrevistado uma coisa preciosíssima: ele nos dá alento, seu tempo de vida.

Na proposta do Caderno do Professor os alunos são pesquisadores da memória e, orientados por seus professores, procuram os idosos em suas comunidades, ouvem suas histórias e as reescrevem. Que importância a senhora vê nisso? Como avalia esse tipo de trabalho?

Acho que os alunos estão praticando a verdadeira cultura que é a inserção do passado no presente; as pesquisas das crianças são humanizadoras. Lembro-me de uma pesquisa maravilhosa feita pela atriz Lélia Abramo (1911-2003). Ela trabalhou na Secretaria de Cultura de São Paulo com a prefeita Luiza Erundina. Foi às escolas públicas municipais e pediu que as crianças falassem sobre seus avós. Eu li as produções. Esse trabalho mostra o cerne do problema social do idoso, embora contado por crianças muito novas. É uma situação que se reproduz nos lares. Deseja-se que o idoso ajude a lavar louça, a tomar conta dos pequenos, faça trabalhos por vezes pesados. Mas, se ele quiser dar um conselho para um adolescente sobre comportamento, escola, educação e uso do tempo do neto, é logo convidado a se calar. Do idoso se deseja o braço servil, mas não o conselho. Ele tem experiência, tem memória, discernimento e tudo o que é necessário para dar um conselho. Por isso fazer com que o aluno procure o tio idoso, o avô, o velho de asilo que ninguém mais visita e que se sente banido é uma experiência humanizadora. Embora se fale muito dos direitos da terceira idade, vivemos na época do descartável, do consumo. Essa época não é favorável ao oferecimento da memória, da experiência. Fazer com que a criança se volte preocemente para a história oral contada pelos mais velhos é uma valorização pública do idoso.



“Escutar uma narrativa desencadeia em você, ouvinte, compromisso com o narrador, com a própria cidade em que a narrativa floresceu. Você é responsável.”

Uma definitiva presença

Nas lembranças do premiado escritor Bartolomeu Campos de Queirós, ficou marcada a figura da professora que lia histórias para ele e seus colegas numa escola do interior de Minas Gerais.

Bartolomeu Campos de Queirós

Ela entrava na escola abraçando os nossos cadernos “Avante”. (A sala tinha cheiro de roupa lavada. Tudo limpo como água de mina e o mundo ficava mudo para escutá-la. Sobre a sua mesa pousava uma jarra sempre com flores do mato que os alunos colhiam pelo caminho.) Ao abraçar os cadernos era como se a professora me apertasse sobre seu coração, me perdoando, com antecedência, os meus erros e acertos. Eu ainda não lia ou escrevia de “carreirinha”. Mas seu olhar foi o meu primeiro livro! Ela me acariciava com seus olhos e derramava sobre mim uma luz mansa de luar, capaz de alvejar meu desejo obscuro de aprender. Seus olhos me permitiam a liberdade. Sua presença inteira me trazia uma paz azul e uma certeza de que o futuro era possível.

É que Dona Maria Campos levava nossas composições, ditados, cópias, para corrigir em casa. Eu morria de inveja do meu caderno por saber que ele conhecia onde a professora vivia. Seu lápis, metade azul e metade vermelho, bordava em nossos trabalhos as notas que iam de 0 a 10. E trazia sempre uma observação: “muito bom”, “parabéns”, “ótimo”, “mais atenção”, “é preciso estudar mais”. Eu recebia meu caderno com o coração descontrolado. Parecia que uma borboleta tinha vindo morar em meu peito. Tinha medo de não corresponder aos seus ensinamentos. Não queria que a professora deixasse de me amar.

E como Dona Maria Campos sabia! Para tudo ela tinha uma resposta ou outra pergunta na ponta da língua. Dava aulas como se estivesse recitando uma poesia feita de água, névoa ou nuvem. Eu achava minha professora mais bonita que os poemas. E não era difícil decorar os versos e repeti-los depois, no escuro do meu quarto. Guardava tudo de cor sem esforço.

E quando ela pegava no giz branco e passava o ponto, no quadro-negro, eu mordia a ponta da língua esforçando-me para imitar a sua escrita. Ela fazia as letras tão bonitas que não me bastava apenas copiar: eu desejava aprender também a sua letra. E como me emocionavam aqueles “as” redondinhos, aqueles “emes” como cobrinhas, aqueles “eles” como orelha de coelho espantado.

Em meus momentos de calma eu enchia páginas e outras páginas com seu nome, o nome de minha mãe, de meu pai, de minha escola. Era minha maneira de ter sempre a Dona Maria Campos ao meu lado.

E quando escolhido para passar o ditado no quadro, para os colegas corrigirem o deles, mais eu caprichava na letra.

O difícil era o quadro não ter linha, pois seguir em linha reta, sem estrada, dependia também do olhar. Mas para alegrar a professora toda dificuldade era pouca. Se ela me elogiava eu baixava a cabeça. Por fora muita vergonha e por dentro um herói.

Nas horas de leitura em voz alta eu não media esforços. Cada menino lia um pedaço. E a professora escolhia alternado. Ninguém sabia sua hora. Eu acompanhava as linhas do livro com o dedo. Cheio de medo e

desejo esperava minha vez. Lia devagar cada palavra, obedecendo à pontuação, controlando o fôlego. Dona Maria Campos dizia que nas vírgulas a gente respirava e no ponto final dava uma paradinha.

Mas o melhor era quando ela nos mandava guardar os objetos. A gente fechava o caderno, guardava o lápis e a borracha dentro do estojo e esperava com os braços cruzados sobre a carteira. Assim, ela continuava mais um pedaço da história. Parecia com a Sant'Ana da capela com o livro no colo. Eu não acreditava que podia existir outro céu além da nossa sala de aula.

Ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino.

Eu pedia o livro emprestado, depois que Dona Maria terminava. Levava para casa e brincava de escola com meus irmãos menores. Assentava com o livro, com pose de professor, e lia para eles. Era difícil guardar tanta beleza só para mim. Não sei se gostavam da leitura ou se imaginavam, um dia, serem alunos da minha escola.

Meu pai, assentado na escada da casa, prestava atenção na minha leitura, de maneira despistada. De noite, antes de dormir, curioso, ele queria que eu adiantasse um pouco mais da história. Mas eu não contava. Sabia que imaginar fazia parte da leitura.

Bartolomeu Campos de Queirós é escritor, recebeu os prêmios Jabuti, APCA, Bienal de São Paulo, Fundação do Livro Infantil e Juvenil, entre outros.



Crianças do Brasil mantêm viva nossa memória

"A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar."

Ecléa Bosi

Eles mal passaram dos dez anos de idade. São meninos e meninas de 4^a e 5^a séries que assumiram a posição de pesquisadores. Durante as oficinas de memórias literárias entrevistaram pessoas de suas próprias localidades. Perceberam e selecionaram situações significativas do cotidiano dos entrevistados e das comunidades. Na voz de cada um encontraram a reconstrução de um tempo e o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Os alunos transformaram o que escutaram em narrativas de memórias literárias, trazendo detalhes que passariam despercebidos a um ouvinte desatento. São histórias e sensações distantes de suas experiências de vida, mas que restituem o diálogo entre passado e presente e mantêm vivas as memórias de inúmeros brasileiros.



Três Lagoas – MS

A arte de fazer carroça

"Aprendi com o amigo Zé, já falecido. Ele usava o tronco do ipê-amarelo, uma árvore típica do cerrado, para o varal da carroça ficar mais firme e mais leve, pois é onde arreia o cavalo. Para o banco usava o pinho, porque segundo ele 'afafa o banco'."

Amâncio José de Lima Neto.

Entrevistou Manuel José de Souza, 91 anos.

Feijó – AC

Dezoito horas andando na mata

"Na época que cheguei a Feijó não havia transporte terrestre, apenas os comboios que transportavam borracha e mercadorias para os seringueiros. Vim a pé, depois de caminhar 18 horas por varadouros cheios de lama e perigo, pois passava próximo às aldeias dos Kaxinawás e dos Kalinas."

Hiago Briner Barroso da Silva.

Entrevistou Dolores Fernandes Barroso, 86 anos.



Guajará-Mirim – RO

Do trem a liturina

"Na época não tinha carro, era carroça puxada por bois e cavalos; as mercadorias vinham no trem ou na liturina, um veículo que andava nos trilhos."

Kassiopéia Sousa Coelho.

Entrevistou Adelaide Leite Carvalho, 83 anos.



Goiânia – GO

Anos dourados

"Vó Lydia contava que quando mudou para Goiânia tudo era diferente. As casas, as ruas, as praças. Na avenida Goiás, as pessoas costumavam ficar sentadas conversando, enquanto esperavam a jardineira (ônibus). Tudo era calmo e as pessoas, mais amigas. Nos finais de semana os pais levavam os filhos para brincar no Jockey Clube. E nos salões do Grande Hotel realizavam-se as grandes festividades."

Letícia Aparecida R. Silvério. Entrevistou Lydia Barbosa de Freitas Oliveira, 80 anos.



Gramado – RS

A pé era mais rápido que de trem

"Na Várzea Grande ficavam a antiga estação ferroviária e o 'rabicho' – espécie de trilho especial onde o trem manobrava para conseguir subir a serra. A demora na subida da serra da Várzea Grande era tanta que algumas pessoas preferiam subir a pé e depois pegar o trem novamente."

Justine Prinstrop.

Entrevistou Selmida Fischer, 90 anos.

Jijoca de Jericoacoara – CE

Jeri, antes dos turistas

“Lembro-me de tudo como se fosse hoje. Aqui não existia turista nem eletricidade. À noite fazíamos fogueira para assar peixes e em volta da fogueira cantávamos e ouvíamos dos amigos histórias sobre a lenda da Pedra Furada, do Serrote e da Pedra do Jacaré. Jericoacoara era conhecida como Serrote.”

Juverlan Araújo Cunha.

Entrevistou Antônio Belarmino de Souza, 83 anos.



Navegantes – SC

Os dengo-dengo de Santa Catarina

“Os habitantes eram, curiosamente, chamados de ‘dengo-dengo’ porque na igreja matriz tinha um sino que fazia um barulho parecido com dengo-dengo-dengo. Até hoje as pessoas mais antigas nos chamam assim.”

Isabela Caroline dos Santos.

Entrevistou Adélia de Souza Fernandes, 89 anos.



Timbaú – PE

Ir de cambiteiro para a festa

“A festa de Reis era a mais animada de todas. Vinham pessoas da cidade e dos engenhos vizinhos a pé, a cavalo ou de cambiteiro – um pequeno trem que servia para transportar a cana para a usina Cruangí.”

Pedro Severino da Silva.

Entrevistou Severino Correia de Souza, 51 anos.



Itamogi – MG

Fogão a lenha, café no bule

“Onde eu morava tinha uma cozinha de madeira, um fogão a lenha com chaminé, sempre aceso, com bule de café quentinho sobre a chapa. Que saudades tenho do barulho dos carros de boi passando pelas ruas de terra. Às vezes, vinham carregados do nosso ‘ouro verde’, o café, que até hoje impera na nossa cidade.”

Guilherme A. Chagas Silva.

Entrevistou Vitor Pedro da Silva, 70 anos.



Nova Granada – SP

Cinema sem pipoca e com bolo de fubá

“[...] no cinema montado pela família Zampronha, na frente da vendinha de ferragens, não sei o que era melhor, se a tela de pano molhado para não incendiá-la com o calor do refletor que ficava atrás dela, se o achocolatado e o bolo de fubá servido nos intervalos.”

Moniele Cristina dos Santos.

Entrevistou Cezar Monteiro, 86 anos.



Ensinar: O quê? Como?



VOCÊ TEM ALGUMAS?
EU SOU SÓ INCERTEZA!



ESTOU PREPARANDO UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.



A sociedade contemporânea vive a era da informação. Jornais, revistas, televisão, rádio, e-mail, blog, comunidade virtual, orkut possibilitam que a informação circule em quantidade, velocidade e transitoriedade impressionantes.

Sequência didática é um conjunto sistematizado de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo etapa por etapa. Essa proposta envolve atividades de aprendizagem e avaliação, organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar.

Ao organizar uma sequência didática, é preciso preparar detalhadamente cada uma das etapas do trabalho.

1. Compartilhar a proposta de trabalho com os alunos

É importante explicar o trabalho passo a passo.

Uma sugestão é fazer uma roda de conversa para apresentar o gênero que será estudado e comentar as diversas atividades que serão desenvolvidas. Organize, junto com a turma, um plano de ação, anotando em um cartaz cada etapa da proposta.



2. Mapear o conhecimento prévio dos alunos

Nesta etapa, os alunos conversam sobre o que conhecem do gênero que será trabalhado e escrevem um primeiro texto. Ao propor a primeira produção, o professor deve detalhar a situação de comunicação: para quem se destina o texto (pais, colegas, pessoas da comunidade), qual é a finalidade (informar, convencer, divertir), que posição tem o autor (aluno, representante da turma, narrador), onde o texto vai ser publicado (numa coletânea, no jornal da escola, no mural da sala de aula, no jornal local). Essa produção aponta os saberes dos alunos e dá pistas para que o professor possa melhor intervir no processo de aprendizagem.



3. Ampliar o repertório dos alunos

De posse do mapeamento dos alunos – informação preciosa para avaliar em que ponto está a turma – o professor elabora um conjunto de atividades de leitura, escrita e oralidade, o mais diverso possível. É fundamental oferecer bons e variados textos, aproximando a turma do gênero em estudo. Essa diversidade de propostas amplia a possibilidade de êxito dos alunos.

Diante desse cenário, surge um grande desafio para a escola: definir quais conhecimentos acumulados no curso da história devem ser ensinados e de que forma.

Pensar o ensino da língua portuguesa, por exemplo, exige do educador o domínio da língua, de seus princípios de aprendizagem, e uma reflexão minuciosa da realidade, para então organizar e articular a seleção de temas e conteúdos que devem ser ensinados sistematicamente.

Para trabalhar com gêneros textuais é fundamental elaborar uma sequência didática, um roteiro de ações. Esse procedimento per-

mite integrar as práticas sociais de linguagem – escrita, leitura e oralidade –, guiando as intervenções do professor.

Vamos refletir sobre as orientações metodológicas da sequência didática

A sequência didática tem como finalidade abordar aspectos envolvidos na produção de textos em um determinado gênero. Esse conjunto de atividades permite que os alunos dominem as características próprias do gênero em estudo e tenham condições de escrever cada vez melhor.

4. Analisar as marcas do gênero

No decorrer das atividades é essencial a mediação do professor, para que os alunos consigam analisar e identificar os recursos utilizados pelos autores na escrita.

Por exemplo: ler textos, identificar as marcas próprias do gênero (as expressões próprias, os tempos verbais utilizados).

5. Buscar informações sobre o tema

Esta é uma atividade valiosa para dar consistência ao texto. É preciso conhecer o tema sobre o qual se escreve, qualquer que seja a situação comunicativa, pesquisando, entrevistando pessoas, coletando dados da cultura local. É preciso dominar o conteúdo (ter o que dizer) e a forma (ter como dizer), utilizando o gênero mais apropriado para a produção.

7. Escrever um texto individual

É hora de o professor mobilizar os alunos para a escrita individual. Para realizar essa atividade, é necessário retomar a situação de produção e relembrar as marcas próprias do gênero. Nessa produção final, o aluno deve pôr em prática tudo o que foi aprendido ao longo da sequência didática.

9. Publicar os textos produzidos pelos alunos

Finalizado o trabalho, organize os textos para publicação. Escolha o portador mais adequado ao gênero. Por exemplo: para crônica, transforme os textos dos alunos em um livro ou coletânea; se você trabalhou com notícia, publique-as no jornal local, ou no jornal mural. Com a publicação pronta, prepare com cuidado o lançamento. Convide pais, professores, colegas da escola, pessoas da comunidade. Essa significativa conquista – de professor e alunos – merece celebração.

6. Produzir um texto coletivo

Esta é uma etapa bastante desafiadora da sequência didática. O professor coordena a produção do texto coletivo, dando oportunidade para que os alunos troquem ideias, exponham seus conhecimentos, dúvidas. Neste papel, o professor incentiva a participação de todos, organiza as falas, faz intervenções, transforma o discurso oral num texto escrito.

8. Fazer a revisão e o aprimoramento do texto

Essa é uma tarefa árdua para professor e alunos. Exige ler, reler, identificar o que não está bem claro e os aspectos que devem ser melhorados no texto. Por isso, o professor precisa incentivar e auxiliar seus alunos a vencer esse desafio.

Da lamparina à energia elétrica

Tarine Silva Ribeiro

O sítio da vovó Valdenice fica em São João de Iracema, num lugar muito bonito, e o melhor de tudo é que é pertinho da cidade. É para lá que eu vou nos finais de semana. No sábado passado, eu resolvi ir ao sítio à noite. Eu já tinha atravessado a porteira quando, de repente, a luz se apagou... mas pernas pra que te quero! Ao perceber que eu tinha medo de escuro, vovó caiu na risada e resolveu me contar sobre a sua infância, onde apenas uma lamparina e a lua brilhante iluminavam a singela casa de pau a pique onde morava com sua família. "O escuro não me amedrontava, só incomodava um pouco na hora de ir para a privada que ficava afastada da casa: eu tinha receio de cair no buraco."

Eu nasci e fui criada na nossa pequena e sossegada São João de Iracema, mais precisamente onde o Judas perdeu as botas, na calorenta região noroeste do Estado de São Paulo. Antigamente, nossa cidade era conhecida como "Os Poços", devido aos boiadeiros que aqui passavam para abastecerem-se de água e refrescarem-se do calor do serão agreste.

Na vila, a criançada só cuidava de duas coisas: brincar e aprender. Eu nunca mais consegui me esquecer do dia em que a ranzinza da professora me colocou ajoelhada em cima dos grãos de milho e me deu dois tapas na orelha. Que dureza era estudar naquela época!

Nas ruas de terra esburacadas eu me sentia livre e feliz. Divertia-me jogando terra em quem passava, depois caía na gargalhada. Como naqueles tempos todo mundo era amigo de todo mundo, as caras feias eram raras. Quando eu sentia o cheiro bom da comida feita por mamães no fogão a lenha, ia correndo para casa encher a barriga. Que delícia!

O tempo foi passando devagar, pois aqui até o vento sopra lentamente... A vila foi virando cidade e as casas de pau a pique foram sendo derrubadas e substituídas pelas de tijolos. Os moradores faziam mutirão para ajudar. Em 1966, eu já estava com meus 12 anos, quando a cidade acordou diferente: para meu espanto e de toda a população a energia elétrica havia chegado! Foi um alvoroço, era o fim das lamparinas! Mais do que depressa o meu pai Ezequiel fechou a barbearia e foi o primeiro morador da cidade a ir até Fernandópolis comprar um liquidificador e uma televisão. A casa dos meus pais tornou-se a novidade do momento e ficou movimentadíssima: toda hora os vizinhos queriam usar o liquidificador para bater sucos e assistir à televisão.

A danada da televisão era em branco e preto e só pegava um único canal. Quando ela resolvia sair do ar o pessoal ficava vendo listras por um tempão; nem colocar bombril na antena resolvia. Meu pai faleceu bem velhinho e em homenagem ao morador antigo o nome Ezequiel Pinto Cabral foi colocado na rua onde eu passei a minha infância, bem em frente à praça da igreja matriz. “Encho-me de saudade toda vez que passo por essa rua.”

Após abrir o seu coração, vovó, emocionada, me disse: “É, minha neta, apesar de ser do tempo da lamparina, eu jamais poderia esquecer as recordações que ficaram na minha mente até hoje”.

Nós sorrimos e ficamos abraçadas por um longo tempo. Desde então, perdi o medo do escuro e percebi que apesar de a minha cidade ser simples e pequena no tamanho, com seus um mil oitocentos e cinquenta habitantes, ela é grande no meu coração e inesquecível na mente dos moradores.

Tarine Silva Ribeiro. Texto produzido em 2004 quando era aluna da 4^a série da E. E. Professora Joanita B. B. Carvalho, São João de Iraçema – SP. Baseado na entrevista com Valdenice Cabral Minales Satin, 51 anos.



Superando obstáculos

Com poucos recursos e muita força de vontade, professora do Pará conta como envolveu e motivou seus alunos a pesquisar e produzir textos de memórias.

Maria do Socorro Braga Reis

Quando li na revista *Nova Escola* o quadro que falava do concurso, fiquei interessada em participar. Queria encontrar respostas para inverter a situação de minha turma de 5^a série: um grupo de alunos com inúmeras dificuldades em leitura e produção de texto.

Contei aos alunos que havia feito a inscrição. Mostrei o material e expliquei à turma cada gênero textual. Depois de uma longa conversa, optamos por “memórias literárias”. Propus a primeira oficina. Começava assim um novo jeito de trabalhar. Mesmo com novos alunos chegando e outros faltando (para ajudar os pais na roça ou na maré), as oficinas fluíam. Eu insistia para que não faltassem.

Pedi aos alunos que escolhessem um dos depoimentos colhidos na pesquisa e, com base nesses dados, se colocassem no lugar do entrevistado e escrevessem o primeiro texto de memórias literárias.

Dando continuidade ao trabalho, lemos o texto da Zélia Gattai (solicitei ajuda de algumas pessoas para reproduzir os textos que foram entregues aos alunos). Também estudamos, nos “Textos recomendados” – os que estão no final do *Caderno do Professor – Se bem me lembro...* –, o uso dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito e as expressões que indicam o tempo e a comparação entre acontecimentos do passado e do presente.

Contei à turma que há outras formas de registrar as memórias. Perguntei se assistiram ao filme *Titanic*, cujo roteiro foi elaborado com base no relato de memórias de uma velha senhora. Como os alunos desconheciam a história e a escola não dispunha de vídeo, levei-os até minha casa, para uma sessão de cinema improvisada.

E assim as oficinas foram se realizando. Mimeografei algumas dicas com o objetivo de preparar o grupo para a entrevista. Sem recursos para gravações, dividi com os alunos a responsabilidade de anotar as respostas dos entrevistados.

Colher as memórias não foi fácil, pois as pessoas escolhidas pelo grupo não queriam se deslocar até a escola. Depois de algum esforço conseguimos entrevistar três pessoas: o sr. Nestor Gato, de 73 anos; a sra. Joana Mencena, de 65 anos; e a sra. Faustina, de 71 anos.

O primeiro entrevistado, sr. Nestor Gato, brincava muito, contava piadas, não era o que queríamos. Dona Joana só contava fatos do presente, embora houvesse bastante insistência por parte das crianças. Já dona Faustina (tia Fausta como é conhecida) nos contagiou desde o primeiro momento, quando começou a falar do bairro de Nova Olinda.

De volta à sala de aula, organizamos todas as informações. Pedi aos alunos que se colocassem no lugar da entrevistada e assim todos viraram “Faustinhas”, escrevendo suas memórias.

Passei o domingo corrigindo os textos. Notei que alguns ainda apresentavam dificuldades em empregar os tempos verbais. Fiz as intervenções necessárias e, na sequência das oficinas, fui percebendo o avanço dos alunos: participando mais das aulas, se colocando no lugar de pesquisadores, assumindo a preocupação de revisar até mesmo os pequenos textos. Na atividade final de reescrita do texto, constatei o quanto eles aprenderam.

Maria do Socorro Braga Reis. Em 2004 era professora da E. M. André Alves, Augusto Corrêa – PA.

Análise do texto

Lembranças de um tempo e lugar, de acontecimentos testemunhados pela entrevistada dona Faustina e recriados pela aluna Roseane em “Ontem alegria, hoje solidão”. Fazemos dois convites: o primeiro para ler e se emocionar com a narrativa e, depois, para acompanhar a análise detalhada do texto.

Ontem alegria, hoje solidão

Expressões e **verbos no pretérito imperfeito** marcam o tempo passado, tempo de relembrar.

Adjetivos e advérbios enriquecem a descrição.

O autor evoca emoções e sentimentos do tempo vivido, que envolvem o leitor.

A comparação do tempo antigo com o atual evidencia diferenças e mudanças ocorridas no lugar.

Naqueles tempos a vida passava devagar, era um sossego, tudo era tranquilo, tínhamos a alegria, aliás, alegria era comum. Levantávamos cedo para encher água na cabeceira, depois íamos lavar as roupas e tomar banho no rio.

O carro não vinha até aqui, ficava na parada Zé Castor. Para ir até Bragança ou tinha que andar muito ou ir a pano (canoas) atravessando as maresias.

Notícias eram tão **distantes de nós, a não ser as do povoado**: uma mulher que paria, uma moça que fugia. Os anos passavam devagar e nós aproveitávamos o luar, as brincadeiras de roda, lembranças do bombaqueiro, sapatinho branco, brincadeira do anel, tudo girava em torno da alegria.

A comida **era** farta, muito peixe, caranguejo, ostra, siri. Podíamos escolher do tamanho desejado. **A vida corria livre**, sem grandes barulhos, a não ser os músicos do Sereno, que nos faziam correr, pulando numa grande dança.

A maré **enchia**, a maré **vazava** e nós sempre tomava banho no rio, às vezes ouvíamos um ralho, um cipó que teimava em nos marcar.

Como era simples viver sem correrias, ouvindo os pássaros, os gritos da matinta-pereira. Os grandes morcegos rasga-mortalha faziam-nos tremer de medo nas noites escuras.

Em Nova Olinda era assim. **Hoje**, com a chegada do ônibus, as coisas não são as mesmas, a energia elétrica transformou as pessoas, nem se brinca mais, todos assistem à televisão, é uma correria das motos, e os meninos estão cada vez mais malcriados. A alegria deu lugar à solidão. **Somos** ainda uma **comunidade pequena**; no entanto, existem tantas mudanças que parece que o tempo é outro. Não se conversa mais, todos estão ocupados demais em suas casas. Da minha porta, sentada, **fico pensando**: por que tantas mudanças? Isso era para ser exclusividade dos camaleões. Sem netos para alegrar os meus dias, **sinto-me** cada vez mais só, solitária com as minhas lembranças.

O título sugestivo convida à leitura.

Experiências relatadas na primeira pessoa do plural mostram o sentimento de pertença à comunidade.

A primeira pessoa do singular traz a voz e marca a história pessoal do entrevistado.

Roseane Pinheiro do Rosário. Texto produzido em 2004 quando era aluna da 5ª série da E. M. André Alves, Augusto Corrêa – PA.

Crianças escutam memórias e aprendem história

Conceição Cabrini

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

Gabriel García Márquez. *Viver para contar.*

Lendo os textos de memórias literárias elaborados pelos alunos que participaram do concurso em 2004 nos damos conta de que, embora esse projeto tenha como principal objetivo colaborar com os professores no ensino da escrita, ele faz mais que isso: penetra em outras áreas do conhecimento, construindo conceitos também de história.

Isso ocorre principalmente nas oficinas propostas no *Caderno do Professor – Se bem me lembro...* em que os alunos aprenderam o procedimento de entrevista e, de parte dessa ferramenta, provocaram a memória de idosos. Estes, sentindo-se provocados, evocaram suas experiências e fizeram emergir pessoas, lugares, sons, cheiros que impregnaram suas memórias ao longo da vida. Falaram de sua

infância, de como era a vida antigamente, descreveram a cidade onde moraram e aquela na qual residem atualmente, as mudanças ocorridas, compararam o presente ao passado. Com base nesses relatos as crianças escreveram textos como se fossem os entrevistados, tornando-se assim produtores de memórias do lugar onde vivem.

Recolher memórias propiciou aos alunos a oportunidade de compreender que o relato oral é também uma fonte histórica. Eles também foram em busca de outras fontes, procuraram objetos antigos, fotografias, cartas, registros, os quais entenderam e valorizaram como importantes documentos históricos.

Formação do pensamento histórico

Valendo-se desses procedimentos, os alunos puderam localizar fatos significativos e refletir sobre o tempo e a vida das pessoas que contaram suas memórias. As entrevistas possibilitaram aos alunos, por exemplo,



verificar se a divisão do trabalho, as relações de poder e o modo de vida (participação do homem, da mulher, da criança, dos idosos nas atividades de sobrevivência, os responsáveis pela tomada de decisão na família, assim como a forma de moradia e de religiosidade) mudaram ou permaneceram inalterados na sucessão de gerações. Com isso, tiveram a base para desenvolver as noções imprescindíveis na formação do pensamento histórico: *grupo social, tempo e espaço, dominação e resistência, permanência e mudança, semelhança e diferença*.

Os textos trouxeram reminiscências do passado e os alunos puderam perceber que há práticas antigas ainda comuns em seu cotidiano. Com isso estabeleceram **um elo entre o passado e o presente** e aprenderam os conceitos de permanência e mudança histórica. Entretanto, as histórias recriadas não são espelhos dos relatos ouvidos: elas indicam as possíveis mudanças permeadas pelas novas experiências do viver cotidiano.

Esses relatos também se tornaram tema de conversa entre as crianças e seus familiares, vizinhos e amigos. Nesses diálogos, puderam perceber que essas reminiscências não pertenciam apenas aos entrevistados, mas foram construídas coletivamente no dia a dia das pessoas que viviam num mesmo lugar. É por isso que se pode dizer que a memória de um indivíduo é constituída na **memória coletiva**.

Muitas vezes esses relatos eram complementados e questionados nessas conversas informais e o professor podia chamar a atenção para o fato de que quem relata seleciona uma parte da experiência vivida, dá importância maior a determinados acontecimentos, enquanto outros são esquecidos. Além disso, o narrador, ao recuperar suas lembranças, atribui um novo significado aos acontecimentos, o que possibilita às pessoas construir uma nova representação dos fatos. Cada ouvinte, por sua vez, traduz essas lembranças em uma nova versão do episódio relatado.

Todos esses aspectos colaboraram para que os alunos compreendessem que os episódios contados não são os acontecimentos em sua totalidade e colocassem em questão o conceito de “realidade”. Essa reflexão permite apresentar o conceito de verdade na explanação histórica, a qual tem como alimento a memória e seus registros e uma explicação de que a “realidade” é feita de recortes. O discurso histórico é **uma** verdade e não **a** verdade.

Retomando a frase de García Márquez citada no início deste texto: a realidade é o que contamos dela – **a verdade é sempre uma versão do real**.

E nesse eterno contínuo está a vida, ou seja, a história.

Conceição Cabrini é doutora em semiótica e ciência da comunicação. Autora de livros didáticos e entre outros de *O ensino de história – Revisão urgente* (Brasiliense).



Desafio

Um dos grandes desafios que o professor enfrenta em sua prática é ajudar seus alunos a escrever textos de qualidade. O primeiro passo para o êxito desse trabalho é conhecer bem o gênero que se vai ensinar. Por isso, propomos um desafio: "O que você sabe sobre o gênero memórias literárias?".

Memórias versus memória...

1. O gênero memórias literárias...

- a) Explora o ambiente em que o aluno vive.
- b) Traz uma abordagem nostálgica da cidade.
- c) Ajuda o indivíduo a planejar mudanças na cidade onde vive.
- d) É um meio de articular o passado ao presente – a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social a que pertence.



3. No trabalho com memórias literárias, o aluno será colocado no lugar do pesquisador que busca recuperar a memória coletiva de sua cidade por meio de:

- a) Entrevista.
- b) Pesquisa de livros.
- c) Observação de objetos contemporâneos.
- d) Visita aos pontos turísticos da cidade.



4. Para marcar um "tempo de relembrar", que é o tempo das memórias, o autor usa:

- a) Os verbos no futuro.
- b) Os verbos no pretérito perfeito, imperfeito e algumas palavras e expressões.
- c) A descrição do espaço.
- d) A evocação dos sentimentos e impressões.

5. Os autores evocam emoções, sentimentos, sensações quando discorrem sobre o tempo passado. Esse recurso é utilizado para:

- a) Convencer o leitor de sua opinião.
- b) Fazer uma reportagem sobre a cidade.
- c) Mobilizar, enredar e atrair o leitor.
- d) Revelar os costumes da época.



6. Ao escreverem memórias literárias, os autores recorrem...

- a) Aos recursos de linguagem poética: rimas, aliterações e metáforas.
- b) À ordenação de fatos ao longo do tempo.
- c) À descrição de um acontecimento que presenciam.
- d) À comparação entre o tempo antigo e o atual, evidenciando as diferenças e mudanças ocorridas.



Respostas: 1d, 2b, 3a, 4b, 5c, 6d.

Foi assim...

Beatriz Cristina B. Cardoso



Era uma manhã fria do mês de agosto. Abri a janela do meu quarto e olhei para uma quaresmeira da praça. Lembrei-me da minha infância, quando havia muitos prédios que com o passar do tempo foram demolidos. Não ouvíamos músicas pela televisão, nem pelo rádio. Havia um coreto no largo da praça onde, aos sábados e domingos, lindas músicas eram tocadas. Os casais iam lá "trocar olhares" (naquela época era namorar). Quantos olhares troquei! Os ciprestes da praça eram cortados em formato de instrumentos musicais. Havia um canteiro de flores com as iniciais J. S., do prefeito José Sureti, e com o nome da cidade Nova Resende, destruído pela rivalidade política. Aranhas e Caranguejos eram partidos políticos rivais da época. Um banquinho era o símbolo da vitória política: quando colocado do lado de cima da praça, vitória dos Aranhas; do lado debaixo, vitória dos Caranguejos.

Recordo-me do dia da inauguração da luz. Era uma manhã ensolarada. Um morador antigo, o Quincas Neto, ficou encarregado de hospedar em sua casa a banda da Ventania, vindas da cidade vizinha de mesmo nome.

A banda executava as canções, quando os políticos da situação, os Aranhas, resolveram subir até a rua dos políticos derrotados, os Caranguejos, para a inauguração da Casa da Luz.

Naquela época a cidade era dividida mais ou menos ao meio: da casa do senhor Rosendo Gonçalves de Resende para cima, eram eleitores e políticos dos Caranguejos. Dali para baixo, dos Aranhas.

Recordo-me como se fosse hoje, apesar de esse fato ter ocorrido há mais ou menos setenta e cinco anos. A banda, junto com os Aranhas, percorriam um pequeno trajeto até a Casa da Luz. Quando iam se aproximando, a banda foi interrompida por um grito do senhor João Gaspar (Caranguejo), que estava acompanhado por outros amigos.

— Daqui para cima não passam!

Nesta hora o senhor Tonico Araújo respondeu:

— A banda da Ventania não passa, mas eu passo!

Dona Zota, uma moradora da cidade, vendo a confusão, tentou impedir. Quando o primeiro tiro foi disparado, acertou a perna dela.

As pessoas tentavam se salvar como podiam: mães protegendo seus filhos, pessoas gritando, músicos se enrolando nos instrumentos. O tocador de bumbo tinha dificuldade para correr com seu instrumento. Naquele desespero, falou aos berros:

— Desgraçado, vai para um lado, que eu vou para o outro.

O bumbo rolou rua abaixo, como se atendesse às ordens do dono. Papai nos colocou para dentro de casa e eu escutava o zumbido das balas.

De repente, o sino da igreja matriz soou e voltei aos dias atuais. Tenho 84 anos e faço um pedido: zelem por essa praça que foi e sempre será a sala de visitas de nossa querida Nova Resende.

Beatriz Cristina B. Cardoso. Texto produzido em 2004 quando era aluna da 4^a série da E. E. Padre Luiz Moreno, Nova Resende – MG. Baseado na entrevista com dona Edite Sales, 84 anos.



Ofício de poeta

*Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor.*

Alberto Caeiro.

Anna Helena Altenfelder

O ofício do poeta é mostrar ao leitor um olhar próprio, inovador, uma visão diferente das coisas, que surpreende, inspira e deserta emoções naqueles que leem seus versos. O poeta escreve para brincar, emocionar, divertir, convencer, fazer pensar o mundo de um jeito novo.

Para conseguir encantar seus leitores, transmitir suas ideias, experiências e emoções de forma original, o poeta usa a linguagem de maneira diferente da que usamos habitualmente. Para isso, utiliza-se de recursos

poéticos. Ao compor um poema, pode, por exemplo, explorar a musicalidade das palavras, criar imagens com elas, brincar com os sons, ou dispor as palavras no papel de forma inusitada.

Algumas vezes os poetas jogam com a sonoridade das palavras, buscando sons similares, rimando as palavras no final dos versos, ou repetindo sons parecidos ou iguais em várias palavras, fazendo com que elas ecoem ao longo do poema. O interessante é que brinca com os sons sem deixar de transmitir ao leitor uma ideia, um sentimento ou uma sensação.

Os poetas preocupam-se também com o ritmo, ou seja, a cadência do poema, como um tambor batendo a intervalos regulares, o que leva o leitor a conhecer o texto poético pelo ouvido. Por isso, tão gostoso quanto ler poemas é ouvi-los sendo declamados.

Além de ser percebido pelo ouvido, um poema pode ser identificado pelo olhar, pelo modo como o texto é disposto na folha de papel. Alguns poetas dispõem os versos nas páginas de forma tão especial que criam uma imagem concreta, dando ao leitor a ideia do que vai ler, antes mesmo de decifrar as palavras.

Mas poesia não é só aquilo que rima, tem sílabas contadas, musicalidade, ou um esquema definido de composição. Não é só a forma que importa, mas principalmente a maneira de ver as coisas, como nos revela Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa) no poema que usamos na epígrafe. Um modo diferente do comum, como se o mundo fosse visto pela primeira vez.

O poeta, para exprimir seu olhar próprio e original, muitas vezes usa comparações. Pode ir além e transmitir a impressão que algo lhe causou, criando imagens. Quando faz isso, usa o recurso da metáfora, dando às palavras um sentido mais rico, como se elas quisessem dizer alguma coisa a mais.

Concluindo, não é fácil o ofício de poeta, é preciso muito trabalho. Para compor seus poemas, os poetas, mesmo aqueles já consagrados, ficam muito tempo arrumando; organizando; mexendo com as palavras; experimentando vários jeitos de deixar o lugar-comum, de romper clichês e de encantar o leitor com sua maneira própria de ver o mundo.

Ana Helena Altenfelder é mestre em educação, autora do *Caderno do Professor – Poetas da escola*.



Lição para o professor: contar aos alunos como conheceu a poesia

Marisa Lajolo é professora convidada do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Costuma apresentar-se como alguém que, depois de inúmeras pesquisas, teses, artigos e livros escritos sobre livros dos outros, resolveu escrever e publicar seu romance: "Gostei tanto da experiência que a vontade é deixar os livros alheios em paz e fazer os meus próprios". Das conversas com a equipe de *Na Ponta do Lápis* e de questões enviadas a ela por e-mail, resultou esta entrevista na qual Marisa fala da importância do trabalho com poesia para crianças e da publicação dessas obras infantis. Destaca o papel do professor para os pequenos leitores: "Na vida de cada leitor existiu, quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros. Provavelmente o professor será – e precisa mesmo ser – essa pessoa a iniciar as crianças no maravilhoso mundo da leitura. E, tratando de poesia, o melhor é o professor poder começar pelo resgate de sua história de leitor/ouvinte de poesia".

Luiz Henrique Gurgel

Qual sua opinião sobre o *Caderno do Professor – Poetas da Escola*?

O *Caderno do Professor – Poetas da Escola* é importante por várias razões. Mas duas são – do meu ponto de vista – as mais importantes. A primeira delas é que ele materializa o resultado do trabalho do professor. A outra é que ele documenta textos infantis, constituindo assim um material muito útil para professores e pesquisadores. E é importante "materializar" o trabalho do professor. Acho que no trabalho escolar com a leitura e com a escrita fica sempre no horizonte a questão das materialidades dessas práticas. Um livro é uma das formas assumidas por essa materialidade,

talvez a mais valorizada socialmente. Daí a importância de um projeto que culmina com a produção de um livro. Meio que eleva a auto-estima de todos os envolvidos.

Que importância você vê na publicação de textos infantis?

Creio que textos produzidos por crianças são uma porta de acesso para as hipóteses que ela – a criança – constrói sobre o funcionamento da linguagem. No caso de poesia, os textos que foram produzidos no bojo do projeto são preciosos pelo que mostram das hipóteses que as crianças constroem sobre o que é e como se faz poesia. Tanto professores



“Acho que o trabalho com poesia pode ser muito divertido e agradável. Desde, é claro, que o professor goste de poesia.”

quanto pesquisadores podem aprender muito com esse material. Os poemas dos finalistas e semifinalistas do *Escrevendo o Futuro* em 2004 mostram que as crianças têm uma noção clara da especificidade da poesia. Tentam, por exemplo, garantir a sonoridade do texto por meio de rimas e de repetições de palavras e se inspiram nos temas tradicionais da poesia.

Como o professor pode começar o trabalho com poesia?

Acho que o trabalho com poesia pode ser muito divertido e agradável. Desde, é claro, que o professor goste de poesia. Acho que o professor pode começar – antes de iniciar o projeto de trabalhar poesia na sala de aula – pelo resgate de sua história de leitor/ouvinte de poesia. Qual foi o primeiro poema do qual se recorda?

No seu caso, qual foi esse poema?

Foi um poema que constava do livro de leitura do 4º ano, e nunca me esqueci dele.

É assim:

Bárbara be-la
Do Norte estrela
Que meu destino
Sabes guiar
De ti ausente
Triste, somente
As horas passo
a suspirar
[...].

Eu não entendia bem todas as palavras, mas o ritmo – hoje sei que se chama assim – me envolvia. Acabei decorando o poema e só mais tarde, quando tinha um repertório maior de textos, e com a ajuda de uma professora – dona Margarida –, consegui lidar bem com as inversões “do Norte estrela” ou “de ti ausente”. Hoje sei que o poema é de Alvarenga Peixoto, um dos poetas da Conjuração Mineira, que o dedicou à mulher, Bárbara Heliodora, uma das primeiras poetas brasileiras.

Mas esse poema ainda hoje é adequado para as crianças lerem?

Pode ser adequado ou inadequado. Depende do professor. Acho que ele “funcionou” comigo talvez exatamente pelo que eu não comprehendia dele. Analisando hoje a situação, creio que me fascinou um texto de alta musicalidade e de baixa comunicabilidade. Até hoje aposto num certo mistério que torna alguns

poemas irresistíveis. Como se a poesia fosse uma linguagem meio cifrada.

Mas você falava das lembranças do professor...

Pois é. Creio que, se o professor pensar no que funcionou e no que não funcionou com ele, vai conseguir fazer um trabalho interessante. Desde, como já disse, que goste de poesia, e queira iniciar seus alunos na leitura e na produção de poemas. Será que os alunos não vão gostar de saber qual foi o primeiro poema que a professora leu na vida? E saber por que ela gostou de tal poema? Na vida de cada leitor existiu, quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros. Provavelmente o professor será – e precisa mesmo ser – essa pessoa a iniciar as crianças no maravilhoso mundo da leitura.

Um trabalho como esse forma poetas?

Para mim, a escrita de poemas na escola não tem a finalidade de formar poetas, embora, é claro, possa perfeitamente também despertar em alguns alunos a vontade de escrever poemas. Tem a finalidade de familiarizar os alunos com um tipo de escrita e torná-los mais sensíveis para a leitura de poemas. De bons, de ótimos poemas.

Poesia é um texto para se ouvir ou para se ler?

A poesia nasceu oral. Nasceu em situações coletivas, com alguém usando uma linguagem cheia de ritmo – e muitas vezes acompanhada de música. O registro escrito da poesia é bem posterior. Acredito que a escola pode reproduzir esse caminho da oralidade para a escrita, da audição para a leitura.

Que indicações você daria para o desenvolvimento do trabalho na sala de aula?

Acho que a maior sugestão é que o professor leia muitos poemas com e para a classe. Leia bem os poemas e leia de forma variada. Reforçando a sonoridade, variando o que quer sublinhar do poema. Outra ideia é o professor incentivar os alunos a montar um álbum de seus poemas preferidos. Isso dará uma razão para os alunos irem buscar poemas para ler, discutir as preferências de cada um, ou seja, creio que vale a pena tentar simular na classe os percursos que a literatura percorre fora da escola.

Notícia de um assalto inusitado

Havia necessidade de expressar o momento, quando um cheiro de jasmim atacou-me.

— Ferreira Gullar

Certa noite, ao sair do prédio onde mora a Cláudia, fui surpreendido – seria melhor dizer agredido? assaltado? – por uma onda perfumada que me arrebatou: era o perfume que, como uma espécie de gás, emanava das flores de um jasmimeiro postado ali, a poucos passos do portão do edifício.

Aturdido e inebriado, arranquei do jasmimeiro um punhado de flores e, chegando-as ao nariz, aspirei-lhes avidamente o aroma que, para minha surpresa, revelou-se selvagem e quase me envenena. Embriagado, caminhei até o carro, nele entrei, atirei as flores sobre o banco ao lado e parti na noite, como não fosse para casa.

Mas fui e, ao chegar, depus sobre a estante da sala as brancas flores que já não exalavam tanto odor. Era óbvio que daquela inusitada aventura nascesse um poema. E foi o que ocorreu, mas não naquela noite, que já havia sido suficientemente avassaladora.

Na manhã seguinte, sentei-me para escrever o poema que deveria expressar a aventura vivida na noite anterior, num jardim da rua Senador Eusébio, no Flamengo. Tinha diante de mim um papel em branco. Sim, e agora, o que fazer? Por onde começar? Não sabia. Tudo o que havia era uma necessidade de, com palavras, expressar aquele momento quando um cheiro de jasmim atacou-me e aturdiu-me, como um assaltante vaporoso surgido da treva.

O poema, sabe, nasce do espanto, isto é, de um instante em que o enigma sempre não explicado e oculto da existência se põe à mostra. E então vemos que todas as explicações não explicam tudo, não explicam o que o cheiro de um jasmimeiro nos revela, de repente, de noite, num jardim do Flamengo.

Até certo ponto, por seu caráter inusitado, o poema é uma notícia: notícia de um fato fora da História, mas que pertence a ela, e que o poeta, como um repórter bêbado, quer dar a conhecer ao mundo, um testemunho: um cheiro de jasmim atacou-o, de súbito, num jardim aparentemente seguro, às 11h50 de uma noite de quinta-feira.

No entanto, dito assim como notícia, a ocorrência não chega a ser um poema. Seria, quando muito, uma nota na página policial do jornal, assim: “Jasmim agride cidadão desavisado, no Flamengo”. Caberia, na nota, uma referência ao policiamento ineficiente do bairro pelas autoridades competentes.

E não haveria exagero, se se leva em conta que, quando saí do prédio e fechei o portão, mal desci os dois degraus até o chão de terra, o assaltante, embuçado no jasmimeiro – e que era o próprio jasmimeiro –, saltou sobre mim, como sombra, ou melhor, como aroma, e me agrediu nariz adentro. Um assaltante disfarçado de arbusto, agindo impunemente num bairro residencial constitui de certo modo um “furo” jornalístico. E nisso o poema se assemelha à notícia, frutos ambos do ineditismo e do espanto.

Mas não se escreve um poema como se escreve uma notícia, com lide e sublide, tendo por objetivo principal relatar o ocorrido, de

maneira o mais impessoal possível, com total isenção e sem ambiguidade. Já no poema, muito pelo contrário, o autor se confunde com o que diz, mistura-se com o fato, de tal modo que não se distingue o ocorrido do imaginado. O poeta, na verdade, não informa – inventa; não instrui o leitor, confunde-o deliberadamente, para deslumbrá-lo.

E por que inventa e confunde? Porque o perfume do jasmim – qualquer perfume – é intraduzível em palavras, e é o perfume – a iluminação, na noite, pelo olfato – que o poeta quer dar no poema, ou quer, melhor dizendo, fazê-lo exalar no teu dia, leitor, já não através do nariz, mas da boca, ao lê-lo. Quer te dizer o indizível. E ali está ele, diante da página em branco, onde tudo pode acontecer, mas, onde, por ora, nada acontece: apenas o silêncio anterior à fala.

Mas, se o perfume não se traduz em palavras, o que dizer com as palavras? O que há a dizer, de fato, ele não sabe, já que ainda não o disse: é só vontade, impulso indefinido. Assim, antes de ser escrito, o poema é apenas uma difusa intenção, não existe e pode nunca existir. Como a palavra não diz o aroma, escrevê-lo é um jogo de probabilidades, de necessidade e acaso, que começa quando a primeira palavra é posta na página em branco. Ela reduz a probabilidade, que era infinita, ao dar início a um discurso possível e não sabido.

Essa primeira palavra, que poderia ser outra, deflagra a invenção do poema, a aventura imprevisível de escrever o impossível que o poeta dará por finda arbitrariamente. E assim o cheiro do jasmim, que não está nele, tornou possível inventá-lo, como a expressão da ausência do vivido, ou uma de suas possíveis presenças.

Texto publicado na *Folha de S. Paulo*, 17/8/2008. Ilustrada.

Ferreira Gullar é poeta e recebeu vários prêmios, entre eles o prêmio Machado de Assis, maior homenagem da Academia Brasileira de Letras; o Jabuti; o Moliére; e o Príncipe Claus.



Crianças contam e cantam o Brasil em versos

*Mapa na mão
olho no mapa
mão no olho
vamos tentar encontrar a cidade*

Nicolas Behr. *Veia poética.*

Olhando em volta, as crianças descobriram que tudo pode ser motivo de poesia: a história da cidade, a instabilidade do clima, a vegetação, o sabor das frutas, as peculiaridades da paisagem do lugar onde vivem.

Lendo, recitando e convivendo com textos poéticos, os alunos aprenderam a brincar com as palavras e com o ritmo; a experimentar arranjos com rima e sem rima; a reinventar versos; a combinar a melodia das palavras sem perder de vista a construção do sentido em seus poemas. A inspiração e o exemplo vieram de uma quadrinha conhecida, do poema de um autor famoso, de uma letra de moda de viola ou de um Rap. E, assim, deram conta de retratar de forma poética cada canto do Brasil.



Três Lagoas – MS

Retrato de dama em preto e branco

“A minha cidade é linda
Um grande cartão-postal
Alegria pra quem chega
No portal do pantanal
O forte aqui é o gado
Orgulho pras regiões
Abastece o Brasil inteiro
E também outras nações.”

**Tiago Osvane
Nascimento Santana**

Benevides – PA

Chão de terra, berço meu

“Açaí, charque, feijão
Menino de pé no chão
Mãe gritando no portão:
Moleque, sossega e para,
Tome seu banho já
Pra igreja é hora de ir
O culto já vai começar
Antes da chuva das quatro cair.”

Aritha do Socorro Souza

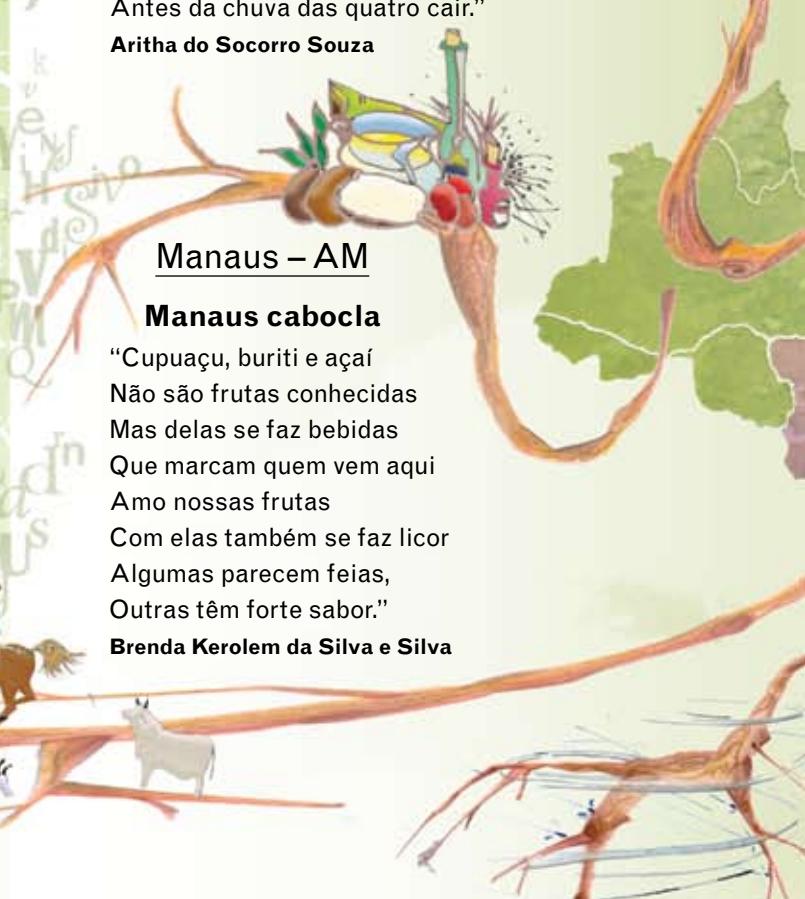


Manaus – AM

Manaus cabocla

“Cupuaçu, buriti e açaí
Não são frutas conhecidas
Mas delas se faz bebidas
Que marcam quem vem aqui
Amo nossas frutas
Com elas também se faz licor
Algumas parecem feias,
Outras têm forte sabor.”

Brenda Kerolem da Silva e Silva



Campina Grande do Sul – PR

“Vida rurbana”

“O clima é variado,
às vezes amanhece quente,
outras vezes está nublado.
Sem falar na geada constante,
é um frio cortante.
Quando chove muito,
a preocupação não tem fim.
Pois acontecem enchentes,
algo muito ruim.”

Ewerton Luiz Silva dos Reis

Teofilândia – BA

Que lugar é esse?

“O clima é semiárido
E demora de chover.
Quando a seca é retada,
É coisa de entristecer.
No polígono da seca,
Muitos bichos vão morrer.”

Bruna Moura Oliveira

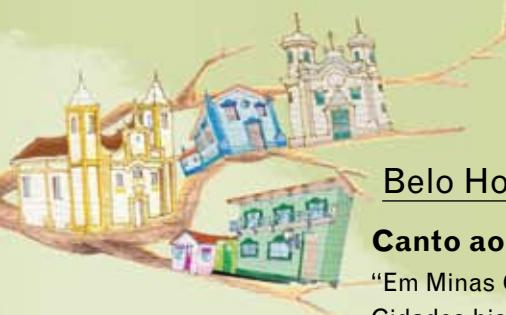


Jucurutu – RN

Meu lugar para além das palmeiras

“Minha terra tem traíra
E também a curimatã
Tem laranjeira
E também a jaçanã
Minha terra tem jurema
E também a faveleira
Tem o pé de xiquexique
E também a catingueira.”

Railton Xavier de França



Belo Horizonte – MG

Canto aos meus lugares

“Em Minas Gerais, meu Estado,
Cidades históricas é o que há,
como São João del Rei,
Ouro Preto e também Sabará.
Da culinária mineira
não posso me esquecer.
Vou falar do pão de queijo, uai!
Que gostoso de comer.”

Bruna Dias do Carmo Costa



Lages – SC

Princesa da serra

“Minha cidade é tão bela
A princesa da serra
Onde o vento canta nos campos
Beijando a Terra
Em 1766 Lages era povoado
Bugres, Bandeirantes e Tropeiros
Chegaram aqui primeiro
Ficaram pela terra encantados.”

Scheila D. A. Ramos



Linhares – ES

Entre lagoas e florestas

“Linhares, minha cidade
Paraíso sem igual.
Tem a lagoa Juparanã
Verdadeiro cartão-postal.
Tem ainda maravilhosas
Reservas florestais
Vale do Rio Doce, Goitacazes,
Verdadeiros paraísos de
plantas e animais.”

Lucas Augusto Buzato

Com quantos textos se faz

Acompanhe passo a passo a construção do poema “Igual a todo mundo”.

Da primeira produção até chegar ao texto final, há muito que fazer. Como o professor pode ajudar seu aluno a voltar ao texto, dialogar

com ele e encontrar novas possibilidades para melhorar aspectos de sua produção? Nesse momento, são muitos os questionamentos:

Da prosa nasce a poesia...

O tema “O lugar onde vivo” mobiliza o aluno a escrever. Em prosa, ele retrata as agruras de sua vida itinerante

O LUGAR ONDE VIVO

Hoje eu moro ali na Rua Rio Negro, na Vila Regina. Moro lá há quase três meses. É muito tempo para quem vive mudando!

Isso porque eu e minha família não paramos muito tempo em nenhum lugar. Já perdi a conta das vezes que mudei.

Na minha casa, eu moro com minha família, e a principal estrela é a minha maezinha: não tenho pai. E é ela quem sustenta a casa.

São menos de duzentos reais para pagar todas as despesas.

Se a minha estrela lá de casa não brilhar, eu e meus irmãos passamos fome.

Apesar das dificuldades, agradeço a Deus pela minha estrela. Amo muito meus irmãos e espero ter boa chance na vida.

Um dedo de prosa

- Quando chega a hora da leitura, revisão e reescrita do poema, a atuação do professor é fundamental. Por isso, oriente sua turma a verificar se:
 - ✓ o título do poema é pertinente, original, sugestivo, instigante para o leitor;
 - ✓ o tamanho do verso está adequado ou compromete o ritmo da estrofe;
 - ✓ as sensações, as emoções e os sentimentos sobre o lugar onde vive estão expressos nos versos e estrofes;
 - ✓ há necessidade de acrescentar palavras, suprimir outras, para garantir a regularidade do ritmo, a unidade melódica e a qualidade do verso;
 - ✓ na exploração do tema proposto, “O lugar onde vivo”, percebe-se que ressaltam um aspecto interessante do lugar, uma paisagem bonita, um jeito de ser do povo, um acontecimento curioso...;
 - ✓ há no poema características, marcas peculiares que revelam a identidade do lugar onde o aluno mora;
 - ✓ o poema contém recursos como: quadra, aliteração, comparação, lirismo.

Como tudo começou...

No título o autor expressa seu desejo: a reivindicação por igualdade.

A ideia da produção inicial se mantém, assim como a voz do autor, que se identifica já na primeira estrofe.

O autor não revela em seus textos as peculiaridades do lugar onde vive, mas tem muito a dizer sobre a história dos migrantes, que não conseguem criar raízes.

EU QUERIA SER IGUAL

Sou um menino inquieto e preocupado, sou pequeno e sinto falta do meu pai, do lado.

Ganhei o nome de Lalau Eu gosto desse nome, acho que é legal Parece nome de homem.

Imagino que Lalau É porque não paro, eu e minha mãe vivendo de bolacha de sal.

Lalau não é nome tão feio, mas morar ali e logo lá e assim que o nome veio não pude fazer nada é coisa do destino eu creio.

Queria ser normal Morar num bairro igual ao que todo mundo mora. Colocar roupa no varal.

Quando me perguntam do lugar onde vivo fico enrolado e indeciso.

Queria tanto mostrar o crescimento, as lembranças eu não vejo lembranças pois estou esperando, o dia que eu não vou mais precisar de estar mudando.

Eu vivo neste lugar, que é meu Paraná e sei que outros vão me esperar.

Será que é sinal? não acho que seja hoje moro em Apucarana e amanhã posso mudar para Sertaneja.

Eu quero um cantinho para que a minha família iremos juntos ficar por muitos anos ali fixar esquecendo a palavra “mudar”.

um texto de qualidade?

"O que é preciso acrescentar, retirar, reorganizar e reescrever?". Para ajudá-lo a encontrar boas saídas no trabalho de aprimoramento

dos textos, selecionamos algumas das muitas escritas do aluno Fernando Henrique de Lima para leitura e análise.

Novos arranjos e novos sentidos

IGUAL A TODO MUNDO

Sou um menino
inquieto e preocupado
já desde pequeno,
sei o que é sentir falta
de um pai do meu lado.

Ganhei o apelido de Lalau
até gosto desse nome.
acho que é muito legal,
parece mesmo nome de homem.

Imagino que Lalau
é porque não tenho paradeiro,
eu e minha pobre maezinha,
igual a muitos brasileiros,
vivendo de bolacha, água e sal.

Lalau não é nome tão feio,
Mas morar ali e logo lá,
Ali, lá, ali, lá, lá, lá...
É assim que este nome veio.
Nunca pude fazer nada,
É coisa do destino, eu creio.

Queria ser normal.
Morar num bairro igual
Ao que todo mundo mora.
Estender roupa no varal.

Quando me perguntam
do lugar onde vivo,
fico todo enrolado
muitas vezes indeciso.

Queria tanto retratar
o crescimento, as mudanças.
Não consigo ter lembranças,
Pois vivo a esperar
O dia em que não vou
Mais precisar mudar.

O lugar onde vivo
É esse Paraná.
Conheço muitos lugares
E sei que outros
Estão a me esperar.

Será que isso é sina?
Não acredito que seja.
Hoje estou em Apucarana,
mas e amanhã?
Posso estar em Sertanejal

Eu queria um cantinho
onde eu e minha família
poderíamos juntos morar.
Por muitos e muitos anos
ali ficar, esquecendo para sempre
A palavra "mudar".

O título mais incisivo
instiga o leitor para a leitura.

Com a substituição
de algumas palavras
o poema ganha mais
ritmo e fortalece o
sentido do texto.

O uso apropriado
do recurso da rima
sensibiliza o leitor
pelo lamento velado,
que perpassa a
musicalidade dos versos.

O ajuste da pontuação
imprime maior
expressividade ao poema.

Finalizando a conversa

Para além dessas versões
há muito empenho e
dedicação por parte
de professor e aluno.
Foram muitas leituras,
planejamentos, produções,
intervenções, revisões,
acertos, decisões,
até chegar à última
escrita. Trabalho pronto,
convidamos você a ler
e a se emocionar com
o expressivo poema
"Igual a todo mundo".

IGUAL A TODO MUNDO

Sou um menino
inquieto e preocupado.
já desde pequeno,
sei o que é sentir falta
de um pai do meu lado.

Ganhei o apelido de Lalau
Até que gosto desse nome.
Acho que é muito legal,
é mesmo nome de homem.

Imagino que Lalau
é porque não tenho paradeiro,
eu e minha pobre maezinha,
igual a muitos brasileiros,
vivendo de bolacha água e sal.

Lalau não é um nome tão feio.
Mas morar ali e logo lá,
ali, lá, ali, lá, lá...
É assim que esse nome veio.
Nunca pude fazer nada,
é coisa do destino, eu creio.

Queria tanto ser normal,
morar num bairro igual
ao que todo mundo mora.
Estender roupa no varal.

Quando me perguntam
do lugar onde vivo,
fico todo enrolado,
muitas vezes, indeciso.

Queria tanto retratar
o crescimento, as mudanças.
Não consigo ter lembranças,
pois vivo a esperar
o dia em que não vou
mais precisar mudar.

O lugar onde eu vivo
é esse Paraná.
Conheço muitos lugares
e sei que outros
estão a me esperar.

Será que isso é sina?
Não acredito que seja.
Hoje estou em Apucarana,
mas e amanhã?
Posso estar em Sertanejal

Eu queria um cantinho
onde eu e minha família
pudéssemos juntos morar.
Por muitos e muitos anos
deixando para trás
a tristeza de "mudar".

Oficinas de poesia

Professora cearense conta a experiência de como sensibilizou seus alunos com versos. Registrou o trabalho etapa por etapa, revelando as dificuldades, os acertos e o desempenho da turma, revendo e refletindo sobre a prática em sala de aula.

Lúcia Maria S. Ribeiro

Cidadezinha
Cidadezinha
cheia de graça...
Tão pequenina
que até causa dó!
Mario Quintana

1ª oficina

RECONHECENDO POESIA

“Vocês conhecem poesia? Gostam de poesia?” Dividi os alunos em equipes e pedi que escrevessem poemas para afixar no mural. Depois propus que cada um escrevesse um poema com o tema “O lugar onde vivo”. Expliquei que as produções seriam guardadas para compará-las com os textos finais. Não foi fácil: apareceram narrações, trava-línguas e quadras que sabiam de memória; outros fugiram do tema.

2ª oficina

SABENDO MAIS SOBRE POESIA

Provoquei conversa sobre poemas. Os alunos disseram que um texto poético é mais bonito e desperta mais emoção que notícia de jornal, receita ou conto. Também observaram a estrutura e o jogo de palavras presentes nos poemas. Registrei as ideias em uma folha e a deixei exposta na sala. Os alunos começaram a identificar as peculiaridades dos poemas.

Milagre no Corcovado

[...]
Para a cidade
De ponta a ponta maravilhosa
A gente sente um arrepião:
O milagre é o próprio Rio!

9ª oficina

VENDO O MUNDO DE UM MODO POÉTICO

Iniciei a aula lendo o poema “O leão”, de Vinícius de Moraes. “Por que o poeta compara o rugido do leão a um trovão?” Responderam que o rugido do leão é tão sonoro quanto um trovão. Fiz outras perguntas e em seguida pedi que procurassem no mural os poemas que apresentassem metáforas. Encerrei lendo o poema “Milagre no Corcovado”, de Ângela Leite de Sousa.

8ª oficina

IDENTIFICANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS

Recitei o poema com emoção, pois queria envolver os alunos. “O que vocês sentiram ao ouvir o poema?” Solicitei que representassem seus sentimentos em uma folha. Deixei-os à vontade; saíram trabalhos belíssimos. Criamos versos e pus na lousa, esclarecendo o que era um poema lírico.

Patativa do Assaré

(1909-2002)
Um dos maiores poetas populares do Brasil, retratista da caatinga nordestina cuja obra foi registrada em folhetos de cordel e em livros.

7ª oficina

POESIA POPULAR

“Vocês conhecem poesia popular, de cordel?” Como poucos conheciam, solicitei que fizessem uma pesquisa sobre esse estilo. Descobriram que a poesia de cordel é comum no Nordeste. Declamei um trecho do poema “Emigração e as consequências” de Patativa do Assaré e falei sobre o escritor.

10ª oficina

DIFERENTES OLHARES SOBRE O MESMOTEMA

Pedi aos alunos que falassem sobre sua infância. Dividi a turma em grupos e dei os poemas “Doze anos”, “Infância” e “Colégio” para leitura. Conversamos sobre o tema e os grupos dramatizaram os poemas. Transcrevi os textos, fizemos uma análise dos recursos poéticos presentes e identificamos as comparações existentes em cada um deles. Em seguida disse: “Pensem em coisas que gostam e coisas que não gostam do lugar onde vivem. Façam comparações e registrem no caderno”.

11ª oficina

TECENDO POEMAS

Para o texto final, retomamos o trabalho das oficinas e os poemas publicados no mural. Conversamos muito sobre o tema “o lugar onde vivo” e sobre as peculiaridades de nossa cidade. Lembrei a eles que deveriam tomar algumas decisões ao escreverem o poema: título sugestivo, organização dos versos e estrofes, rimas, repetições de palavras, ritmo da linguagem, metáforas etc.

Lúcia Maria S. Ribeiro. Em 2004 era professora da E. E. I. E. F. Vereador Raimundo Nonato de Sena, Quixeré – CE.

Quixeré, que faço agora?

Quixeré, que faço agora?
Tu és tão pequenina
Como te defenderei
Dessa gente, ó menina?
Todos querem se apossar
De tua serra que é linda.

A chapada do Apodi
Entre todas a mais bela
Terra rica e frutífera
Todos olham para ela
Suspirando e desejando
Ah! Se eu fosse o dono dela!

Muita gente de fora
Aqui já se instalou
E com suas grandes firmas
O povo escravizou
Hoje quem era patrão
Chamam-no de senhor.

Sei que muitos benefícios
Essas firmas nos trouxeram
Mas a exploração
É demais e sou sincero
Prefiro ver Quixeré
Virar um cemitério.

Não é com egoísmo
Que falo desses abusos
É porque a escravidão
Já passou e é absurdo
Ver meu povo escravizado
Como se fosse surdo-mudo.

Antes, nossa cidadezinha
Era uma tribo bem singela
Mas os índios que a habitavam
Tinham carinho por ela
Lutavam com entusiasmo
Ninguém se apossava dela.

Hoje o nosso povo
Não a defende com ardor
É triste ver os estrangeiros
Serem chamados de senhor
E também ver nossas riquezas
Serem levadas sem pudor.

Quixeré, que faço agora?
O meu grito eu já dei
Porém ele é bem pequeno
E na verdade eu não sei
Se ele vai ecoar
Ou vai se calar de vez.

Maria Eliane Mercês da Silva.
Texto produzido em 2004 quando
era aluna da 5ª série da E. E. I. E. F.
Vereador Raimundo Nonato de Sena.
Quixeré - CE.

3ª oficina

CATADORES DE POEMAS

Li *O catador de pensamentos* (Mônica Feth) com uma entonação caprichada para despertar a emoção dos alunos. Aproveitando o entusiasmo, propus: "Vamos ser catadores de poemas?". Todos ajudaram: familiares, moradores e poetas da nossa cidade.

[...]
Pensamentos de todos os tipos: alegres, tristes, inteligentes, bobos, bonitos [...]

6ª oficina

BRINCANDO COM RIMAS, REPETIÇÕES E ALITERAÇÕES

"Vocês sabem o que é acróstico?" A maioria disse que não. Fiz um acróstico com meu nome para explicar. Depois pedi a cada aluno que fizesse um com o próprio nome. Também ensinei o que é aliteração, usando uma estrofe do poema "Bolha" de Cecília Meireles.

Acróstico: poesia em que as letras de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes ou um conceito, uma máxima etc.

5ª oficina

BRINCANDO COM EMOÇÕES E PALAVRAS

Iniciei a oficina com a pergunta: "O que é uma coisinha à toa que deixa vocês felizes?". Afixei as respostas no mural. Em seguida li o texto: *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz* (Otávio Roth). Conversamos sobre as ideias do autor e as rimas que criou. Desafiei a turma: "Vamos escrever o nosso 'Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz'?".

"Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela."

Otávio Roth

12ª oficina

TOQUE FINAL

Fim do trabalho; hora de rever os textos e fazer a autocorreção. Coloquei no quadro itens que auxiliariam na revisão. Foram feitas modificações. Pedi aos alunos que passassem o texto a limpo. Escolhemos três finalistas e os enviamos para a comissão escolher o melhor. Foi um trabalho árduo, mas alcançamos o objetivo proposto.



4ª oficina

OUVINDO E LENDO POESIA

Essa oficina foi espetacular, afinal os alunos gostam de uma aula diferente: organizei um sarau com os poemas colhidos pela turma e outros que selecionei. Fizemos um varal poético. Os alunos escolheram poemas no varal e leram para os colegas. Coloquei música instrumental para tornar o ambiente mais aconchegante.

Minha terra, minha gente

Euler Júnior Machado

Na noite dorme a cidade:
no alto chia o vento,
acordadas, só ficam as estrelas
o frio para o pobre é o lamento.

Manhã vem chegando,
roncos de trovão.
A mãe prepara a marmita
enquanto chega caminhão.

Se cai chuva, não tem trabalho;
o chão molhado
desfaz a marmita.
É hora de ajeitar o telhado.

Se não fosse pelo dinheiro
a alegria seria completa;
a família reunida;
só com pão se faz a festa.

Quando vem a estiagem
estende-se o agasalho;
é hora de secar a roupa
pra mais um dia de trabalho.

A bênção é sagrada
pra quem sobe no trator,
as mãos ficam de farpas;
o corpo sente a fadiga e a dor.

Durante a colheita
cantos de alegria.
Devotos ensaiam o grito
para o filho de Maria.

E quando chega o Natal,
a enxada fica esquecida;
na mão calejada do meu avô
vai uma sanfona aquecida.

A bandeira vai na frente,
o embaixador canta o hino,
avisa de casa em casa,
o nascimento do menino.

A vida de quem mora lá em cima,
não sei se é diferente,
sei que sou muito feliz
em viver com minha gente.

Euler Júnior Machado. Texto produzido quando era aluno em 2004 da 4^a série da E. M. José Henrique Avelar, Santo Antônio do Amparo – MG.

O que você sabe da arte de compor ou escrever versos?

1. Dos versos relacionados abaixo, qual é de autoria de José Paulo Paes?

- a)** Um passarinho me contou que a ostra é muito fechada, que a cobra é muito enrolada, que a arara é uma cabeça oca, e que o leão-marinho e a foca... Xô, passarinho! Chega de fofoca!
- b)** Passarinho na janela, pijama de flanela, brigadeiro na panela. Gato andando no telhado Cheirinho de mato molhado disco antigo sem chiado.
- c)** [...]
Lá no fundo do quintal
Tem um tacho de melado
Quem não sabe cantar verso
É melhor ficar...
- d)** Não basta abrir a janela
Para ver os campos e rios
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.

2. É de Carlos Drummond de Andrade o famoso poema “José”. Qual dos trechos relacionados abaixo faz parte desse poema?

- a)** “Hoje é seu dia, José
de subir na construção.”
- b)** “O rei da brincadeira
É José.”
- c)** “E agora, José?
A festa acabou.”
- d)** “Olhe o que foi meu bom José
Se apaixonar pela donzela.”

3. Quem é o autor dos seguintes versos?

“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento”

- a)** Camões.
- b)** Paulo Leminski.
- c)** Gonçalves Dias.
- d)** Vinícius de Moraes.

4. Na letra da canção *Lua de São Jorge*, quando Caetano Veloso escreveu os versos: “*Lua de São Jorge, lua soberana, nobre porcelana, sobre a seda azul*”, ele fez uso de um recurso poético. Qual?

- a)** Cordel.
- b)** Metáfora.
- c)** Trava-língua.
- d)** Acróstico.

5. “Toda gente homenageia Januária na janela.” Nesse verso da letra da canção *Januária*, Chico Buarque usa o recurso chamado:

- a)** Ritmo.
- b)** Lirismo.
- c)** Melodia.
- d)** Aliteração.

6. Cora Coralina, assim como outros poetas, também se dedicou à literatura infantil. Qual dos títulos abaixo é de um livro infantil de poesia de sua autoria?

- a)** *Ou isto ou aquilo.*
- b)** *Olha o bicho.*
- c)** *Os meninos verdes.*
- d)** *A arca de Noé.*



Iniciativa



Ministério
da Educação



Coordenação
Técnica



Parceria

